

Grupo 7

Richard Sennett

# A corrosão do caráter

Tradução de  
MARCOS SANTARRITA

3ª TIRAGEM



**EDITOR A RECORD**  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

1999

## Rotina

Há bons motivos para Rico se esforçar por compreender a época em que vive. A sociedade moderna está em revolta contra o tempo rotineiro, burocrático, que pode paralisar o trabalho, o governo e outras instituições. O problema de Rico é o que fazer de si mesmo quando essa revolta contra a rotina for vitoriosa.

Na aurora do capitalismo industrial, porém, não era tão evidente assim que a rotina fosse um mal. Em meados do século dezoito, parecia que o trabalho repetitivo podia levar a duas diferentes direções, uma positiva e frutífera, outra destrutiva. O lado positivo da rotina foi descrito na grande *Enciclopédia* de Diderot, publicada de 1751 a 1772; o lado negativo do tempo de trabalho regular foi retratado da forma mais dramática em *A riqueza das nações*, de Adam Smith, publicado em 1776. Diderot acreditava que a rotina no trabalho podia ser igual a qualquer outra forma de aprendizado por repetição, um professor necessário; Smith, que a rotina embotava o espírito. Hoje, a sociedade fica com Smith. Diderot sugere o que poderíamos perder tomando o lado de seu oponente.

Os artigos que mais chamam a atenção, na *Enciclopédia*, do educado público de Diderot são os que tratam da vida diária:

textos de vários autores sobre a indústria, os vários ofícios e a agricultura. Vinham acompanhados de uma série de gravuras que ilustram como fazer uma cadeira ou cinzelar uma pedra. O desenho do século dezoito caracteriza-se pela elegância do traço, mas a maioria dos artistas usava essa elegância para descrever cenas de lazer aristocrático ou paisagens; os ilustradores da *Enciclopédia* puseram essa elegância a serviço de martelos, prensas gráficas e empilhadeiras. O objetivo das imagens e textos era justificar a inerente dignidade do trabalho.<sup>10</sup>

A dignidade particular da rotina aparece no Volume 5 da *Enciclopédia*, numa série de lâminas que mostram uma fábrica de papel, L'Anglée, localizada a uns noventa quilômetros de Paris, perto da cidade de Montargis. A fábrica é disposta como um castelo, com o bloco principal ligando-se em dois ângulos retos a alas menores; no exterior, vemos *parterres* e *allées* em torno da fábrica, exatamente como apareceriam no terreno de uma mansão aristocrática no campo.

O cenário dessa fábrica modelo — tão bonito para nossos olhos — na verdade dramatiza uma grande transformação que começa na época de Diderot; ali, a casa separava-se do local de trabalho. Até meados do século dezoito, a família atuava como o centro físico da economia. No campo, as famílias faziam a maioria das coisas que consumiam; em cidades como Paris ou Londres, os ofícios também eram praticados na morada familiar. Na casa de um padeiro, por exemplo, diaristas, aprendizes e a família biológica do padeiro “faziam as refeições juntos, e dava-se comida a todos juntos, pois se esperava que todos dormissem e vivessem na mesma casa”, como observa o historiador Herbert Applebaum; “o custo da fabricação do pão... incluía a habitação, alimentação e roupa de todas as pessoas que trabalhavam para o amo. Os salários em dinheiro eram uma fração do custo”.<sup>11</sup> O antropólogo Daniel

Defert chama isso de economia do *domus*; em vez da escravidão do salário, reinava uma inseparável combinação de abrigo e subordinação à vontade do amo.

Diderot descreve em L'Anglée uma nova ordem de trabalho, liberada do *domus*. A fábrica não oferecia habitação aos trabalhadores em suas instalações; na verdade, essa fábrica foi uma das primeiras na França a recrutar trabalhadores de tão longe que eles tinham de ir a cavalo para o trabalho, em vez de andar a pé. Foi também uma das primeiras a pagar diretamente salários a trabalhadores adolescentes, em vez de aos pais. A aparência atraente, e até mesmo elegante, da fábrica de papel sugere que o gravador via essa separação sob uma luz positiva.

O que nos mostram do lado de dentro é também positivo: reina a ordem. Fazer polpa de papel era na verdade, durante o século dezoito, uma operação caótica e malcheirosa; os trapos usados muitas vezes eram retirados de cadáveres, e depois apodrecidos em cubas durante dois meses, para decompor as fibras. Em L'Anglée, porém, os pisos são imaculados, e nenhum trabalhador parece à beira do vômito. No aposento onde as fibras são transformadas em polpa pelas marteladas de uma prensa — a mais suja de todas as atividades — não há nenhum ser humano. No aposento onde ocorria a mais astuta divisão de trabalho, a polpa retirada e prensada em finas folhas, trabalham três artesãos com a coordenação de um balé.

O segredo dessa ordem industrial estava em suas rotinas precisas. L'Anglée é uma fábrica em que tudo tem seu lugar e todos sabem o que fazer. Mas, para Diderot, esse tipo de rotina não sugere a simples e interminável repetição mecânica de uma tarefa. O mestre-escola que insiste em que o aluno decore cinquenta versos de um poema quer ver a poesia armazenada no cérebro dele, para ser recuperada à vontade e usada no julgamento de outros poemas. Em seu *Paradoxo so-*

*bre o ator*, Diderot tentou explicar como o ator ou atriz explora as profundezas de um papel repetindo as falas sem parar. E esperava encontrar essas mesmas virtudes da repetição no trabalho industrial.

Fazer papel não é algo bruto; Diderot acreditava — novamente por analogia às artes — que esta rotina estava em constante evolução, à medida que os trabalhadores aprendiam como manipular e alterar cada estágio do processo de trabalho. De forma mais ampla, o “ritmo” de trabalho significa que, repetindo uma operação em particular, se descobre como acelerar ou moderar a atividade, fazer variações, manejar os materiais, desenvolver novas práticas — assim como um músico aprende como conduzir o tempo ao executar uma peça musical. Graças à repetição e ao ritmo, o trabalhador pode alcançar, disse Diderot, “a unidade mental e manual” no trabalho.<sup>12</sup>

Claro, isso é um ideal. Diderot apresenta provas visuais e sutis para torná-lo convincente. Na fábrica de papel, os meninos que cortam trapos rançosos são mostrados trabalhando sozinhos num aposento, sem supervisor adulto. Nas salas de medição, secagem e acabamento, meninos, meninas e homens corpulentos trabalham lado a lado; ali, o público da *Enciclopédia* literalmente via igualdade e fraternidade. O que torna essas imagens em especial atraentes, em termos visuais, são as caras dos trabalhadores. Por mais exigentes que sejam as tarefas em que se empenham, têm os rostos serenos, refletindo a convicção de Diderot de que, pelo trabalho, os seres humanos atingem a paz consigo mesmos. “Vamos trabalhar, sem teorizar”, diz Martin em *Cândido*, de Voltaire. “É a única forma de tornar a vida tolerável.” Embora mais inclinado a teorizar, Diderot acreditava, como Voltaire, que, dominando a rotina e seus ritmos, as pessoas ao mesmo tempo assumem o controle e se acalmam.

Para Adam Smith, essas imagens de ordeira evolução, fraternidade e serenidade representam um sonho impossível. A rotina embrutece o espírito. A rotina, pelo menos como organizada no capitalismo emergente que ele via, parecia negar qualquer relação entre o trabalho comum e o papel positivo da repetição na criação do produto. Quando Adam Smith publicou *A riqueza das nações*, em 1776, foi visto — e continua sendo — como um apóstolo daquele novo capitalismo. Isso se deveu à declaração que fez no início do livro em favor dos livres mercados. Mas Smith é mais que um apóstolo da liberdade econômica; tinha plena consciência do lado negro do mercado. Essa consciência lhe vinha sobretudo ao considerar a organização da rotina no tempo nessa nova ordem econômica.

*A riqueza das nações* se baseia numa única grande intuição: Smith acreditava que a livre circulação de moeda, bens e trabalho exigiria que as pessoas fizessem tarefas cada vez mais especializadas. O surgimento de livres mercados vem acompanhado da divisão do trabalho na sociedade. Entendemos facilmente sua idéia da divisão do trabalho observando uma colmeia; à medida que a colmeia aumenta de tamanho, cada uma de suas células se torna o local de um determinado trabalho. Em termos formais, as dimensões numéricas da mudança — seja o volume de dinheiro ou a quantidade de bens no mercado — estão inseparavelmente ligadas à especialização da função produtiva.

O exemplo prático de Smith é uma fábrica de alfinetes. (Não os modernos alfinetes de costura; os alfinetes do século dezoito eram o equivalente das nossas tachas e pregos pequenos, usados em carpintaria.) Ele calculava que um fabricante de alfinetes fazendo tudo sozinho podia produzir no máximo algumas centenas de unidades por dia; numa fábrica operando de acordo com as novas divisões de trabalho, onde a fabri-

cação era dividida em todas as suas partes componentes e cada trabalhador fazia apenas uma delas, um fabricante de alfinetes podia fazer mais de 16 mil unidades por dia.<sup>13</sup> Os negócios que a fábrica de alfinetes proporcionaria no livre mercado só estimulariam a demanda do produto, levando a empresas maiores, com divisões sempre mais elaboradas do trabalho.

Como a fábrica de papel de Diderot, a de alfinetes de Smith é um lugar para trabalhar, mas não para viver. A separação de casa e trabalho é, dizia Smith, a mais importante de todas as modernas divisões de trabalho. E como a fábrica de papel de Diderot, a de alfinetes de Smith opera de forma ordeira graças à rotina, cada trabalhador executando apenas uma função. A fábrica de alfinetes difere da de papel na visão de Smith de como é desastroso, em termos humanos, organizar o tempo de trabalho desse jeito.

O mundo em que Smith viveu há muito estava, claro, familiarizado com rotinas e horários. Os sinos das igrejas, desde o século seis, marcavam o tempo em unidades religiosas do dia; os beneditinos deram um passo importante, no início da Idade Média, tocando os sinos para marcar as horas de trabalhar e as de comer, além das de rezar. Mais próximo da época de Smith, relógios mecânicos haviam substituído os sinos das igrejas, e em meados do século dezoito os relógios de bolso achavam-se em uso generalizado. Agora podia-se saber o tempo matematicamente exato onde quer que se estivesse, ao alcance da vista ou do ouvido de uma igreja ou não: o tempo deixara assim de depender do espaço. Por que a extensão desse esquema de tempo iria revelar-se uma tragédia humana?

*A riqueza das nações* é um livro muito grande, e os propo- nentes da nova economia da época de Smith tenderam ape- nas a referir-se a seu início dramático e otimista. À medida que o texto avança, porém, torna-se sombrio; a fábrica de

alfinetes vira um lugar mais sinistro. Smith reconhece que a decomposição das tarefas envolvida na fabricação de alfine- tes condenaria os trabalhadores individuais a um dia de um tédio mortal, hora após hora passadas num serviço mesqui- nho. Em certo ponto, a rotina torna-se autodestrutiva, por- que os seres humanos perdem o controle sobre seus próprios esforços; falta de controle sobre o tempo de trabalho signifi- ca morte espiritual.

Smith acreditava que o capitalismo de sua época cruzava esse grande abismo; quando declarou que “os que trabalham mais obtêm menos” na nova ordem, pensava mais nesses ter- mos humanos que em salários.<sup>14</sup> Num dos trechos mais som- brios de *A riqueza das nações*, ele escreve:

No progresso da divisão de trabalho, o emprego da parte muito maior daqueles que vivem do trabalho... passa a limitar-se a umas poucas operações muito simples; fre- qüentemente uma ou duas... O homem que passa a vida realizando umas poucas operações simples... em geral se torna tão estúpido e ignorante quanto é possível tornar-se uma criatura humana.<sup>15</sup>

O trabalhador industrial, assim, nada conhece do autodomínio e da plástica expressividade do ator que memorizou mil falas; a comparação de Diderot, do ator com o trabalhador, é falsa, porque este último não controla seu trabalho. O fazedor de alfinetes torna-se uma criatura “estúpida e ignorante” no cor- rer da divisão do trabalho; a natureza repetitiva de seu traba- lho o apaziguou. Por esses motivos, a rotina industrial ameaça degradar o caráter humano em suas próprias profundezas.

Se esse parece um Adam Smith estranhamente pessimis- ta, talvez seja apenas porque ele foi um pensador político mais complexo do que a ideologia capitalista o faz parecer. Em *A*

*teoria dos sentimentos morais*, Smith já defendera, antes, as virtudes da simpatia mútua e da capacidade de identificar-se com as necessidades dos outros. Afirmava que a simpatia é um sentimento moral espontâneo; explode quando um homem ou uma mulher de repente compreende os sofrimentos ou tensões de outro. Mas a divisão do trabalho embrutece a explosão espontânea; a rotina reprime o jorro de simpatia. Claro, Smith equiparava o surgimento dos mercados e a divisão do trabalho com o progresso material da sociedade, mas não com o seu progresso moral. E as virtudes da simpatia revelam uma coisa talvez mais sutil sobre o caráter individual.

O centro moral de Rico, como vimos, estava na decidida asserção de sua vontade; para Smith, a espontânea manifestação de simpatia supera a vontade, arrebatando um homem ou mulher em emoções que fogem ao seu controle, como a súbita identificação com os fracassados da sociedade, a compaixão pelos mentirosos habituais ou os covardes. As manifestações de simpatia — reino de tempo espontâneo — nos empurram para fora de nossas fronteiras morais normais. Nada há de previsível ou rotineiro na simpatia.

Ao enfatizar a importância ética dessas explosões de emoção, Smith falava com uma voz diferente entre seus contemporâneos. Muitos deles viam o caráter humano, em seu aspecto ético, como pouco tendo a ver com sentimento espontâneo, ou na verdade com a vontade humana; Jefferson declarou, em *Bill for Establishing Religious Freedom* (1779), que “as opções e crenças dos homens dependem não da vontade deles, mas seguem involuntariamente a prova proposta a suas mentes”.<sup>16</sup> O caráter gira em torno do cumprimento do dever; como disse James Madison em 1785, seguir os ditames da consciência “é também inalienável, porque o que é aqui um direito para os homens, é um dever para o Criador”.<sup>17</sup> A Natureza e o Deus da Natureza propõem; o homem obedece.

Adam Smith fala uma linguagem de caráter talvez mais próxima da nossa. O caráter parece-lhe formado pela história e suas voltas imprevisíveis. Uma vez estabelecida, uma rotina não permite muita coisa em termos de história; para desenvolvermos nosso caráter, temos de fugir da rotina. Smith tornou específica essa proposição geral; celebrou o caráter dos homens de negócios, acreditando que eles agiam em reação e com simpatia às cambiantes exigências do momento, assim como tinha pena do estado de caráter dos trabalhadores industriais atrelados à rotina. O homem de negócios, em sua opinião, era o ser humano mais plenamente engajado.

Não nos deve surpreender o fato de que Marx era um leitor atento de Adam Smith, embora dificilmente um celebrante do comércio ou dos comerciantes. Na juventude, Marx admirava pelo menos a teoria geral da espontaneidade em *A teoria dos sentimentos morais*; como analista mais adulto e sóbrio, concentrou-se na descrição por Smith dos males da rotina, divisão do trabalho sem o controle do trabalho pelo trabalhador — estes são os ingredientes essenciais da análise marxista do tempo transformado em produto. Marx acrescentou à descrição da rotina da fábrica de alfinetes de Smith o contraste com práticas mais antigas, como o sistema alemão de *Tagwerk*, em que o trabalhador era pago por dia; nessa prática, o trabalhador podia adaptar-se às condições de seu ambiente, trabalhando diferente quando chovia ou fazia sol, ou organizando tarefas para levar em conta a entrega dos suprimentos; havia ritmo nesse trabalho, porque o trabalhador estava no controle.<sup>18</sup> Em contraste, como escreveria mais tarde o historiador marxista E. P. Thompson, no capitalismo moderno os empregados “sentem uma distinção entre o tempo do patrão e o seu ‘próprio’ tempo”.<sup>19</sup>

Os receios que Adam Smith e Marx tinham do tempo de rotina passaram para nosso século no fenômeno chamado

fordismo. É no fordismo que mais dramaticamente podemos documentar a apreensão que Smith sentia quanto ao capitalismo industrial que acabava de surgir em fins do século dezoito, sobretudo no lugar do qual o fordismo recebeu o nome.

A fábrica de Highland Park, da The Ford Motor Company, era em geral considerada, nos anos 1910-14, um ilustre exemplo da divisão do trabalho em bases tecnológicas. Henry Ford era de certa forma um patrão humano; dava bons salários aos trabalhadores, graças a um esquema de pagamento de cinco dólares por dia (o equivalente a 120 por dia em dólares de 1997), e incluiu os empregados num plano de participação nos lucros. As operações nas instalações da fábrica eram outra questão. Henry Ford considerava a preocupação com a qualidade da vida de trabalho "simples fantasia"; cinco dólares por dia eram recompensa suficientemente generosa pelo tédio.

Antes de Ford criar fábricas modelos como Highland Park, a indústria automobilística se baseava no artesanato, com trabalhadores altamente qualificados fazendo muitos serviços complexos num motor ou numa carroceria de automóvel no curso de um dia de trabalho. Esses trabalhadores gozavam de grande autonomia, e a indústria de automóveis era na verdade um conjunto de lojas descentralizadas. "Muitos operários qualificados", observa Stephan Meyer, "freqüentemente contratavam e despediam seus ajudantes e pagavam-lhes uma proporção fixa de seus ganhos."<sup>20</sup> Por volta de 1910, o regime do fazedor de alfinetes tomou conta da indústria automobilística.

Quando Ford industrializou seu processo de produção, favoreceu o emprego dos chamados trabalhadores especialistas em relação aos artesãos qualificados; os empregos dos trabalhadores especialistas eram aqueles tipos de operações

em miniatura que exigiam pouco pensamento ou julgamento. Na fábrica de Highland Park de Ford, a maioria desses trabalhadores especialistas era composta de imigrantes recentes, enquanto os artesãos qualificados eram alemães e outros americanos mais estabelecidos; tanto a administração quanto os americanos "nativos" julgavam que os novos imigrantes não tinham inteligência para fazer mais que um trabalho de rotina. Em 1917, 55 por cento da força de trabalho eram empregados especialistas; outros 15 por cento eram limpadores e faxineiros não qualificados, que pairavam nas laterais da linha de montagem, e os artesãos e técnicos haviam caído para 15 por cento.

"Homens baratos precisam de gabaritos caros", disse Sterling Bunnell, um dos primeiros defensores dessas mudanças, enquanto "homens altamente qualificados precisam de pouca coisa além de suas caixas de ferramentas".<sup>21</sup> Essa intuição sobre o uso de maquinaria complicada para simplificar o trabalho humano deitou a base para a consumação dos receios de Smith. Por exemplo, o psicólogo industrial Frederick W. Taylor acreditava que a maquinaria e o projeto industrial podiam ser imensamente complicados numa grande empresa, mas não havia necessidade de os trabalhadores compreenderem essa complexidade; na verdade, afirmou, quanto menos fossem "distraídos" pela compreensão do projeto do todo, mais eficientemente se ateriam a seus próprios serviços.<sup>22</sup> Os infames estudos de tempo-movimento de Taylor foram feitos com um cronômetro, medindo em frações de segundo quanto demorava a instalação de um farol ou de um pára-choque. A administração do tempo-movimento levou a imagem smithiana da fábrica de alfinetes a um extremo sádico, mas Taylor tinha pouca dúvida de que suas cobaias humanas aceitariam passivamente a medição e a manipulação.

De fato, o que resultou dessa escravidão ao tempo roti-

neira não foi uma aceitação passiva; David Noble observa que “os trabalhadores mostraram um vasto repertório de técnicas para sabotar os estudos de tempo-movimento, e na verdade ignoraram as especificações de métodos e processos sempre que atrapalhavam ou entravam em conflito com seus próprios interesses”.<sup>23</sup> Além disso, a criatura “estúpida e ignorante” de Smith ficava deprimida no trabalho, e isso reduzia sua produtividade. Experiências como as da fábrica de Hawthorn da General Electric mostraram que praticamente toda atenção dada aos trabalhadores como seres humanos sensíveis melhorava sua produtividade; psicólogos industriais como Elton Mayo, portanto, exortaram os administradores a mostrar mais interesse pelos empregados, e adaptaram práticas psiquiátricas de consultoria ao local de trabalho. Contudo, os psicólogos como Mayo eram lúcidos. Sabiam que podiam temperar as dores do tédio, mas não as abolir naquela jaula de ferro de tempo.

As dores da rotina culminaram na geração de Enrico. Num clássico estudo da década de 1950, “Work and Its Discontents” [O trabalho e seus insatisfeitos], Daniel Bell procurou analisar essa apoteose em outra fábrica de automóveis, a de Willow Run da General Motors, em Michigan. A colmeia de Smith tornara-se agora verdadeiramente gigantesca; Willow Run era uma estrutura com um quilômetro de comprimento e meio de largura. Ali se reuniam sob um mesmo teto todos os materiais necessários para fabricar carros, desde o aço bruto a blocos de vidro e curtumes, sendo o trabalho coordenado por uma burocracia altamente disciplinada de analistas e administradores. Uma organização tão complexa só podia funcionar com regras precisas, que Bell chamou de “engenharia racional”. Essa jaula imensa, bem engrenada, operava com base em três princípios: “a lógica da dimensão, a lógica do ‘tempo métrico’ e a lógica da hierarquia”.<sup>24</sup>

A lógica da dimensão era simples: maior, mais eficiente. A concentração de todos os elementos de produção num lugar como Willow Run economizava energia, poupava no transporte de materiais e interligava a fábrica com os trabalhadores de escritório e executivos.

A lógica da hierarquia não é tão simples. Max Weber afirmou, ao definir a jaula humana, que “não é preciso prova especial para mostrar que a disciplina militar é o modelo ideal para a fábrica do capitalismo moderno”.<sup>25</sup> Em empresas como a General Motors na década de 1950, porém, Bell observou um modelo meio diferente de controle. A “superestrutura que organiza e dirige a produção... extrai todo trabalho cerebral possível da casa; tudo é centralizado nos departamentos de planejamento, cronograma e projeto”. Arquitetonicamente, isso significava afastar os técnicos e administradores o máximo possível da maquinaria pulsante. Os generais do trabalho, assim, perdiam o contato físico com suas tropas. O resultado, porém, só reforçava os males embrutecedores da rotina para “o trabalhador da base, cuidando só de detalhes, divorciado de qualquer decisão ou modificação em relação ao produto no qual está trabalhando”.<sup>26</sup>

Esses males de Willow Run continuavam a basear-se na lógica taylorista do “tempo métrico”. O tempo era minuciosamente calculado em toda parte na vasta fábrica, para que os altos administradores soubessem com precisão o que todos deviam estar fazendo num dado momento. Bell ficou impressionado, por exemplo, com a maneira como a General Motors “divide a hora em dez períodos de seis minutos... o trabalhador é pago pelo número de décimos de hora que trabalha”.<sup>27</sup> Esse planejamento minucioso do tempo de trabalho estava ligado a medidas de tempo muito longas também na empresa. O pagamento por antigüidade era finamente sintonizado com o número total de horas que um homem ou mu-

lher trabalhara para a General Motors; um trabalhador podia calcular minuciosamente os benefícios do tempo de férias e ausência por doença. A micrométrica de tempo governava tanto os escalões inferiores dos escritórios como os trabalhadores braçais na linha de montagem, em termos de promoção e benefícios.

Na geração de Enrico, porém, a métrica de tempo já se tornara outra coisa que não um ato de repressão e dominação praticado pela administração em nome do crescimento da gigantesca organização industrial. Intensas negociações sobre esses esquemas preocupavam o sindicato United Auto Workers e a administração da General Motors; a arraia-miúda do sindicato prestava cerrada e às vezes apaixonada atenção aos números envolvidos nessas negociações. O tempo rotinizado se tornara uma arena onde os trabalhadores podiam afirmar suas próprias exigências, uma arena que dava poder.

Foi um resultado político que Adam Smith não previu. As tempestades empresariais que Schumpeter invocou na imagem de "destruição criativa" significavam que o tipo de fábrica de alfinetes de Smith faliu durante todo o século dezenove, sendo sua colmeia racional um desenho no papel que muitas vezes sobreviveu em metal e pedra apenas uns poucos anos. De forma correspondente, para preservar-se desses tumultos, os trabalhadores buscaram rotinizar o tempo, por meio de poupanças em sociedades de ajuda mútua, ou de hipotecas sobre casas adquiridas através de sociedades construtoras. Dificilmente nos dispomos hoje a pensar no tempo rotinizado como uma *conquista* pessoal, mas em vista das tensões, prosperidades e depressões do capitalismo industrial, foi o que se tornou. Isso complicou o sentido do planejamento do tempo de rotina que surgiu no Highland Park da Ford e encontrou uma espécie de consumação na Willow Run da General Motors. Vimos como, com sua atenção obsessiva aos horários rotinei-

ros, Enrico criou uma narrativa positiva para a sua vida. A rotina pode degradar, mas também proteger; pode decompor o trabalho, mas também compor uma vida.

Contudo, a substância do temor de Smith continuou vívida para Daniel Bell, que tentava então compreender por que os trabalhadores não se revoltavam contra o capitalismo. Bell já se achava, por assim dizer, metade de fora da fé socialista. Aprendera que as insatisfações do trabalho, mesmo as profundas, como o esvaziamento do seu conteúdo, não levavam os homens e mulheres a revoltar-se: resistência à rotina não gera revolução. Mas ainda assim Bell continuou sendo um bom filho na casa socialista. Ele acreditava que na vasta fábrica de Willow Run visitara o cenário de uma tragédia.

Um fio ligava a Willow Run de Bell, no tempo, ao Highland Park de Ford, e também à fábrica de alfinetes de Adam Smith. A rotina parecia, em todos esses cenários de trabalho, pessoalmente degradante, uma fonte de ignorância mental — e ignorância de um determinado tipo. O presente imediato pode ser bastante claro, quando um trabalhador maneja a mesma alavanca ou manivela horas a fio. O que falta ao trabalhador da rotina é qualquer visão mais ampla de um futuro diferente, ou o conhecimento de como fazer a mudança. Refraseando essa crítica da rotina, a atividade mecânica não gera um senso de narrativa histórica maior: as micronarrativas na vida de trabalhadores como Enrico teriam parecido a Marx negligenciáveis na escala maior da História, ou meras acomodações a circunstâncias existentes.

É por isso que o velho debate entre Denis Diderot e Adam Smith permanece intensamente vivo. Diderot não achava o trabalho de rotina degradante; ao contrário, julgava que as rotinas geram narrativas, à medida que as regras e ritmos do trabalho evoluem aos poucos. É irônico que esse *boulevardier* e *philosophe*, uma criatura dos mais finos *salons* da Paris do

século dezoito, pareça hoje mais um defensor da dignidade inerente do trabalho comum do que muitos dos que falaram em nome do povo. O grande herdeiro moderno de Diderot, o sociólogo Anthony Giddens, tentou manter viva a intuição dele indicando o valor básico do hábito nas práticas sociais e no auto-entendimento; só testamos nossas alternativas em relação aos hábitos que já dominamos. Imaginar uma vida de impulsos momentâneos, de ação a curto prazo, despida de rotinas sustentáveis, uma vida sem hábitos, é imaginar na verdade uma existência irracional.<sup>28</sup>

Hoje estamos numa linha divisória na questão da rotina. A nova linguagem de flexibilidade sugere que a rotina está morrendo nos setores dinâmicos da economia. Contudo, a maior parte da mão-de-obra permanece inscrita no círculo do fordismo. Estatísticas simples são difíceis de encontrar, mas uma boa estimativa dos trabalhos modernos descritos na Tabela 1 é que pelo menos dois terços são repetitivos de uma forma que Adam Smith reconheceria como semelhante à de sua fábrica de alfinetes. O uso do computador no trabalho retratado na Tabela 7 envolve do mesmo modo, na maior parte, tarefas bastante rotineiras, como a entrada de dados. Se acreditássemos, com Diderot e Giddens, que esse trabalho não precisa ser inerentemente degradante, nos concentraríamos nas condições de trabalho em que ele é feito; esperaríamos fazer as fábricas e escritórios se parecerem mais com as cenas de trabalho cooperativo, de apoio mútuo, descritas nas gravuras de L'Anglée.

Se, no entanto, estamos dispostos a encarar a rotina como inerentemente degradante, atacaremos a natureza mesma do próprio processo de trabalho. Detestaremos a rotina e sua mãe, a mão morta da burocracia. Podemos ser em grande parte levados pelo desejo prático de maior responsividade, produtividade e lucro do mercado. Mas não precisamos ser apenas capita-

listas gananciosos; podemos acreditar, como herdeiros de Adam Smith, que as pessoas são estimuladas pela experiência mais flexível, no trabalho como em outras instituições. Podemos acreditar nas virtudes da espontaneidade. A questão se torna então: a flexibilidade, com todos os riscos e incertezas que implica, remediará de fato o mal humano que ataca? Mesmo supondo que a rotina tem um efeito pacificador sobre o caráter, exatamente como vai a flexibilidade fazer um ser humano mais engajado?

TRÊS

## Flexível

A palavra “flexibilidade” entrou na língua inglesa no século quinze. Seu sentido derivou originalmente da simples observação de que, embora a árvore se dobrasse ao vento, seus galhos sempre voltavam à posição normal. “Flexibilidade” designa essa capacidade de ceder e recuperar-se da árvore, o teste e restauração de sua forma. Em termos ideais, o comportamento humano flexível deve ter a mesma força tênsil: ser adaptável a circunstâncias variáveis, mas não quebrado por elas. A sociedade hoje busca meios de destruir os males da rotina com a criação de instituições mais flexíveis. As práticas de flexibilidade, porém, concentram-se mais nas forças que dobram as pessoas.

Os primeiros filósofos modernos comparavam o dobrar-se da flexibilidade com os poderes de sensação do eu. Locke, em seu *Ensaio sobre o entendimento humano*, escreveu: “O eu é aquela coisa pensante consciente... sensível ou consciente de prazer e dor, capaz de felicidade ou infelicidade...” Hume, em *Tratado sobre a natureza humana*, afirmava que, “quando entro mais intimamente no que chamo de *eu*, sempre dou com uma ou outra determinada percepção, de calor ou frio, luz ou sombra, amor ou ódio, dor ou prazer”.<sup>29</sup> Essas sensações vêm de estímulos do mundo externo, que dobram o eu ora para um lado, ora para outro. A teoria dos

sentimentos morais de Smith baseava-se nesses estímulos externos, variáveis.

Desde então, o pensamento filosófico sobre o caráter tem-se esforçado para encontrar princípios de regulação e recuperação interiores que resgatem o senso de individualidade do fluxo sensório. Nos textos após Adam Smith dedicados à economia política, porém, enfatizou-se a simples mudança. Esse tipo de flexibilidade foi associado a virtudes empresariais; após Smith, economistas políticos do século dezanove opuseram a agilidade do empresário à lerdia morosidade do trabalhador industrial; John Stuart Mill, em seu *Princípios de economia política*, encarava os mercados como um teatro da vida ao mesmo tempo perigoso e desafiador, e seus comerciantes como artistas da improvisação.

Enquanto Adam Smith era um moralista da simpatia, os economistas políticos que o seguiram concentraram-se num valor ético diferente. Para Mill, o comportamento flexível gera liberdade pessoal. Ainda estamos dispostos a pensar que sim; imaginamos o estar aberto à mudança, ser adaptável, como qualidades de caráter necessárias para a livre ação — o ser humano livre porque capaz de mudança. Em nossa época, porém, a nova economia política trai esse desejo pessoal de liberdade. A repulsa à rotina burocrática e a busca da flexibilidade produziram novas estruturas de poder e controle, em vez de criarem as condições que nos libertam.

O sistema de poder que se esconde nas modernas formas de flexibilidade consiste em três elementos: reinvenção descontínua de instituições; especialização flexível de produção; e concentração de poder sem centralização. Os fatos que se encaixam em cada uma dessas categorias são conhecidos da maioria de nós, nenhum mistério; já avaliar a consequência deles, é mais difícil.

*Reinvenção descontínua de instituições.* Os manuais e revistas de negócios hoje tendem a retratar o comportamento flexível como exigindo o desejo de mudança; mas na verdade trata-se de um determinado tipo de mudança, com determinadas consequências para nosso senso de tempo. O antropólogo Edmund Leach buscou dividir a experiência de tempo mutante em dois tipos. Em um, sabemos que as coisas mudam, mas parecem ter uma continuidade com o que veio antes. No outro, há um rompimento, por causa de atos que alteraram irreversivelmente nossas vidas.<sup>30</sup>

Vejam, por exemplo, um ritual religioso como a comunhão. Quando recebemos a hóstia, juntamo-nos no mesmo ato realizado por alguém duzentos anos atrás. Se substituimos hóstias brancas por hóstias de trigo pardo não perturbamos muito o sentido do ritual; a nova farinha é incorporada ao rito. Mas se insistimos em que se permita a mulheres casadas officiar a comunhão, podemos fazer com que o sentido mesmo de “padre” mude de maneira irreversível, e também o da comunhão.

Na esfera do trabalho, os ritmos que Diderot descrevia na fábrica de papel ou os hábitos retratados por Anthony Giddens exemplificam o primeiro sentido de tempo mutante mas contínuo. Em contraste, a mudança flexível, daquela que hoje ataca a rotina burocrática, busca reinventar decisiva e irrevogavelmente as instituições, para que o presente se torne descontínuo com o passado.

A pedra angular da prática administrativa moderna é a crença em que as redes elásticas são mais abertas à reinvenção decisiva que as hierarquias piramidais, como as que governavam a era fordista. A junção entre os nódulos na rede é mais frouxa; pode-se tirar uma parte, pelo menos em teoria, sem destruir outras. O sistema é fragmentado; aí está a oportunidade de intervir. Sua própria incoerência convida nossas revisões.

As técnicas específicas para assim reinventar instituições estão a essa altura bastante resolvidas. Os administradores usam programas de computador que padronizam procedimentos operacionais (SIMS); com o uso de programas SIMS, uma empresa muito grande pode ver o que todas as células de sua colmeia institucional estão produzindo, e assim eliminar rapidamente as unidades repetitivas ou ineficientes. Essas mesmas maquetes de computador possibilitam aos contadores e planejadores industriais avaliar quantitativamente quais programas ou empregados podem ser cortados numa fusão de empresas. “*Delayering*” [remover camadas] é a prática específica de oferecer a um menor número de administradores controle sobre um maior número de subordinados; a “desagregação vertical” dá aos membros de uma ilha empresarial múltiplas tarefas a cumprir.

O termo conhecido para essas práticas é “reengenharia”, o fato mais destacado na reengenharia é a redução de empregos. As estimativas dos números de trabalhadores empregados que foram “reduzidos” de 1980 a 1995 variaram de um mínimo de 13 milhões a um máximo de 39 milhões. A redução tem tido uma relação direta com a crescente desigualdade, uma vez que só uma minoria dos trabalhadores espremidos para fora encontrou outro trabalho com os mesmos salários ou maiores. Numa bíblia moderna sobre esse assunto, *Re-engineering the Corporation*, os autores, Michael Hammer e James Champy, defendem a reengenharia organizacional da acusação de ser uma mera cobertura para a demissão de pessoas, afirmando que “reduzir e reestruturar significam apenas fazer menos com menos. Reengenharia, em contraste, significa fazer *mais* com menos.”<sup>31</sup> Essa declaração sugere eficiência — a própria palavra “reengenharia” invoca uma operação mais compacta, conseguida graças a um decisivo rompimento com o passado. Mas a sugestão de eficiência é enganadora. A mudança irreversível se dá precisamente porque a reengenharia pode ser um processo altamente caótico.

Tornou-se claro para muitos líderes empresariais, em meados da década de 1990, por exemplo, que só na vida de fantasia e muitíssimo bem paga dos consultores pode uma grande organização definir um novo plano de negócios, enxugar-se e “replanejar-se” à perfeição, e depois tocar em frente o novo projeto. Erik Clemons, um dos mais sóbrios e práticos desses consultores, observou autocriticamente que “muitas, até mesmo a maioria, das tentativas de reengenharia fracassam”, em grande parte porque as instituições se tornam disfuncionais durante o processo de contração de pessoal: os planos comerciais são descartados e revisados; os benefícios esperados acabam sendo efêmeros; a organização perde o rumo.<sup>32</sup> As mudanças institucionais, em vez de seguirem como uma seta dirigida, vão para lados diferentes e muitas vezes conflitantes: uma unidade que opera com lucro de repente é vendida, por exemplo, mas anos depois a empresa-mãe tenta retornar ao negócio no qual sabia fazer dinheiro antes de buscar reinventar-se. Tais reviravoltas levaram os sociólogos Scott Lash e John Urry a falar com mais largueza da flexibilidade como “o fim do capitalismo organizado”.<sup>33</sup>

A expressão pode ser extrema. Contudo, como a ideologia administrativa apresenta a pressão por mudança institucional mais como uma questão de ganhar maior eficiência do que de realizar uma experiência de resultado incerto, precisamos perguntar se deu certo. Especificamente, o novo regime atacou os males da rotina em nome da maior produtividade.

No início dos anos 1990, a Associação Americana de Administração e as empresas Wyatt fizeram estudos de empresas que se empenharam em sérias reduções. A entidade constatou que repetidas reduções produzem “lucros mais baixos e declínio na produtividade do trabalhador”; o estudo da Wyatt descobriu que “menos da metade das empresas atingiu suas

metas de redução de despesas; menos de um terço aumentou a lucratividade".<sup>34</sup> Os motivos desse fracasso são em parte evidentes por si mesmos: o moral e a motivação dos trabalhadores caíram acentuadamente nos vários arrochos de redução. Os trabalhadores sobreviventes ficaram mais à espera do próximo golpe do machado que exultantes com a vitória competitiva sobre os demitidos.

Em termos mais gerais, embora as medições de produtividade em larga escala sejam de infinita complexidade, há pelo menos bons motivos para duvidar de que a era atual seja mais produtiva que o passado recente. Vejam, por exemplo, uma medida específica de crescimento, o produto interno bruto. Por esse padrão, o crescimento foi maior na era dos dinossauros burocráticos; as taxas de produtividade reduziram-se em todas as grandes sociedades industriais. (Tabela 3.) Devido aos avanços na tecnologia, houve um significativo aumento no setor de manufatura de alguns países. Mas considerando-se todas as formas de trabalho, de escritório e de fábrica, a produtividade reduziu-se no todo, quer seja medida em termos de produção de trabalhadores individuais ou de hora de trabalho. Alguns economistas têm mesmo afirmado que, quando se somam todos os custos do trabalho computadorizado, a tecnologia mostrou de fato um déficit de produtividade.<sup>35</sup>

Ineficiência ou desorganização não significam, porém, que não há sentido na prática da mudança aguda, demolidora. Essas reorganizações institucionais avisam que a mudança é para valer, e como sabemos muitíssimo bem, os preços das ações de instituições em processo de reorganização muitas vezes sobem, como se qualquer mudança fosse melhor do que permanecer como antes. Na operação dos mercados modernos, a demolição de organizações se tornou lucrativa. Embora possa não ser justificável em termos de produtividade, os retornos a curto prazo para os acionistas proporcionam um forte incentivo aos

poderes do caos disfarçados pela palavra "reengenharia", que parece convincente. Empresas perfeitamente viáveis são estripadas ou abandonadas, empregados capazes ficam à deriva, em vez de ser recompensados, simplesmente porque a organização deve provar ao mercado que pode mudar.

Mas há motivos mais fundamentais por trás do moderno capitalismo para buscar uma mudança decisiva, irreversível, por mais desorganizada ou improdutivo que seja. Referem-se à volatilidade da demanda do consumidor. Essa volatilidade produz uma segunda característica dos regimes flexíveis, a especialização flexível de produção.

*Especialização flexível.* Em termos simples, a especialização flexível tenta pôr, cada vez mais rápido, produtos mais variados no mercado. Em *The Second Industrial Divide*, os economistas Michael Piore e Charles Sabel descrevem como a especialização flexível atua nas maleáveis relações entre empresas mais ou menos pequenas do norte da Itália, permitindo-lhes responder com rapidez às mudanças na demanda do consumo. Essas empresas cooperam e competem ao mesmo tempo, buscando nichos no mercado que cada uma ocupa temporariamente, e não permanentemente, adaptando a curta vida de produto de roupas, têxteis ou peças de máquinas. O governo desempenha um papel positivo, ajudando essas empresas italianas a inovar juntas, em vez de engalfinhar-se em batalhas de vida ou morte. Piore e Sabel chamam o sistema que estudaram de "estratégia de inovação permanente: adaptação à mudança incessante, em vez de esforço para controlá-la".<sup>36</sup>

A especialização flexível é a antítese do sistema de produção incorporado no fordismo. E de uma forma muito específica; na fabricação de carros e caminhões hoje, a velha linha de montagem quilométrica observada por Daniel Bell foi substituída por ilhas de produção especializada. Deborah Morales, que estudou várias dessas fábricas flexíveis na auto-

indústria, enfatiza como é importante a inovação em resposta à demanda do mercado, mudando-se as tarefas semanais, e às vezes até diárias, que os operários têm de cumprir.<sup>37</sup>

Os ingredientes necessários para a especialização flexível, também aqui, nos são conhecidos. A especialização flexível serve à alta tecnologia; graças ao computador, é fácil reprogramar e configurar as máquinas industriais. A rapidez das modernas comunicações também favoreceu a especialização flexível, pon-do dados do mercado global ao alcance imediato da empresa. Além disso, essa forma de produção exige rápidas tomadas de decisões, e assim serve ao grupo de trabalho pequeno; numa grande pirâmide burocrática, em contraste, a tomada de decisões perde rapidez à medida que os documentos sobem ao topo para obter aprovação da sede. O ingrediente de mais forte sabor nesse novo processo produtivo é a disposição de deixar que as mutantes demandas do mundo externo determinem a estrutura interna das instituições. Todos esses elementos de responsividade contribuem para a aceitação da mudança decisiva, demolidora.

Talvez pareça estranho, pelo menos para os americanos, extrair da Itália um exemplo de destacada vantagem na inovação produtiva. Embora empresas americanas e européias tenham aprendido muita coisa com técnicas japonesas de especialização flexível, a retórica empresarial americana muitas vezes pressupõe que a economia americana é no todo mais flexível que as outras, devido à liberdade de interferência do governo em seu país, maior que na Europa e no Japão, uma rede de nepotismo mais fraca, sindicatos mais fracos e um público disposto a tolerar mudanças econômicas demolidoras. (Tabela 10.)

Esse preconceito americano se baseia no reconhecimento implícito de que o regime flexível é tão político quanto econômico. As questões de flexibilidade tratam de coisas de economia política propriamente dita, e de encontrar formulações contrastantes hoje nos Estados Unidos e em partes da Euro-

pa. Haverá limites para até onde as pessoas são obrigadas a dobrar-se? Pode o governo dar às pessoas alguma coisa semelhante à força tênsil de uma árvore, para que os indivíduos não se partam sob a força da mudança?

O banqueiro francês Michel Albert estabelece o contraste entre respostas dividindo as economias políticas dos países avançados nos modelos do "Reno" e "anglo-americano". O primeiro existe há mais de um século na Holanda, Alemanha e França: nele, os sindicatos de trabalhadores e a administração dividem poder, e o aparelho assistencial do governo proporciona uma rede de segurança aparentemente compacta de benefícios em pensões, educação e saúde. Esse modelo do Reno serviu também à Itália, Japão, Escandinávia e Israel.

O outro modelo, o "anglo-americano", refere-se mais à condição da Grã-Bretanha e Estados Unidos hoje do que no passado. Esse modelo dá maior espaço ao capitalismo de livre mercado. Enquanto o modelo do Reno enfatiza certas obrigações das instituições econômicas com o estado, o modelo anglo-americano acentua a subordinação da burocracia do estado à economia, e assim está disposto a afrouxar a rede de segurança proporcionada pelo governo.<sup>38</sup>

O modelo do Reno pode comportar-se de maneira tão flexível e decisiva quanto o anglo-americano em termos de mercados. O norte da Itália, por exemplo, é bastante "renano", em sua mistura de empresa governamental e privada, e também flexível, ao responder com rapidez e eficiência à mutante demanda do mercado. Em algumas formas de manufatura *high-tech*, a densa rede renana de associações mutantes pode na verdade ser mais responsiva à demanda do consumo que sua prima neoliberal, engalfinhada numa batalha incerta contra a "interferência" do governo e decidida a aniquilar os competidores. A relação entre o mercado e o estado contribui para a verdadeira diferença entre os dois regimes.

Os regimes do Reno tendem a pôr freios na mudança quando seus cidadãos menos poderosos sofrem, enquanto o anglo-americano tende mais a seguir as mudanças na organização e nas práticas do trabalho, mesmo quando os fracos podem pagar o preço. O modelo do Reno é de certa forma mais amistoso com a burocracia do governo, enquanto o anglo-americano opera com base no princípio de que o governo é culpado até prova em contrário. Ruud Lubbers, ex-primeiro ministro da Holanda, afirmou que a confiança holandesa no governo na verdade possibilitou mais ajustes econômicos dolorosos governamentais do que uma cidadania mais adversária teria aceitado.<sup>39</sup> Assim, muitas vezes se aplica o rótulo de “neoliberalismo” ao modelo anglo-americano (“liberal” no sentido de não regulado); e o de “capitalismo de estado” ao do Reno.

Esses regimes têm diferentes defeitos. O anglo-americano tem tido baixo desemprego, mas desigualdade salarial. Os fatos brutos da atual desigualdade de riqueza no regime anglo-americano são de fato atordoantes. O economista Simon Head calculou que para os 80 por cento de menor renda da população trabalhadora americana a média dos salários semanais (ajustados pela inflação) caiu 18 por cento de 1973 a 1995, enquanto o salário da elite empresarial subiu 19 por cento, e 66 por cento depois da magia da contabilidade fiscal.<sup>40</sup> Outro economista, Paul Krugman, afirma que o 1 por cento de maior renda dos assalariados americanos mais que duplicou sua renda real na década de 1979-89, em comparação com uma taxa muito inferior de riqueza acumulada nas décadas anteriores.<sup>41</sup> Na Grã-Bretanha, *The Economist* calculou recentemente que os 20 por cento de maior renda da população trabalhadora ganham sete vezes mais que os 20 por cento de menor renda, quando há vinte anos a proporção era de apenas quatro vezes.<sup>42</sup> Um secretário do trabalho assim argumentou: “Estamos a caminho de

nos tornar uma sociedade de duas camadas, composta de uns poucos vencedores e um grande grupo deixado para trás”, opinião secundada pelo presidente do Federal Reserve Bank [o Banco Central americano], que declarou há pouco que a renda desigual pode tornar-se “uma grande ameaça à nossa sociedade”.<sup>43</sup>

Embora nos regimes do Reno a distância salarial não tenha aumentado tanto na última geração, o desemprego se tornou uma praga. Durante três anos, entre 1993 e 1996, a economia americana gerou quase 8,6 milhões de empregos, e de 1992 em diante o mercado de emprego britânico também começou a florescer, enquanto na última década quase todo o mercado de trabalho europeu e japonês estagnou.<sup>44</sup> (Tabela 2.)

O estabelecimento dessas diferenças enfatiza um fato simples. A operação da produção flexível depende de como uma sociedade define o bem comum. O regime anglo-americano tem poucas limitações políticas à desigualdade de riqueza, mas pleno emprego, enquanto as redes assistenciais dos estados renanos, mais sensíveis aos trabalhadores comuns, são um estorvo à criação de emprego. Qual dos males vamos tolerar, depende do bem que buscamos. Por isso é útil a palavra “regime”; sugere os termos de poder nos quais se permite que operem os mercados e a produção.

*Concentração sem centralização.* Um regime flexível tem uma terceira característica. As mudanças nas redes, mercados e produção que ele utiliza permitem o que parece ser um oxímoro, a concentração de poder sem centralização de poder.

Uma das afirmações em favor da nova organização do trabalho é que descentraliza o poder, quer dizer, dá às pessoas nas categorias inferiores dessas organizações mais controle sobre suas atividades. Certamente é uma afirmação falsa, em termos das técnicas empregadas para desmontar os velhos colossos burocráticos. Os novos sistemas de informação ofe-

recem um quadro abrangente da organização aos altos administradores de uma forma que deixa a indivíduos em qualquer parte da rede pouco espaço para esconder-se; os SIMS substituem as negociações que poderiam proteger os indivíduos ao lidar apenas com seus superiores intermediários. Do mesmo modo, a desagregação vertical e a eliminação de camadas são tudo, menos processos descentralizantes. Há um continente de poder no arquipélago de poder flexível; alguém no continente decide que “Barbados” pode fazer o trabalho antes feito por “Trinidad” e “Guadalupe”; “Barbados” raramente prefere aumentar seus próprios fardos.

A sobrecarga administrativa de pequenos grupos de trabalho com muitas tarefas diversas é uma característica freqüente da reorganização empresarial — e contrária às divisões cada vez mais sutis do trabalho que Adam Smith imaginou na fábrica de alfinetes. Fazer tais experiências com dezenas ou centenas de milhares de empregados exige imensos poderes de comando. À economia da desigualdade, a nova ordem acrescenta assim novas formas de poder desigual, arbitrário, dentro da organização.

Em termos de especialização flexível, vejamos os computadores pessoais de marcas famosas que compramos; são uma colagem de peças e montagens parciais feitas em todo o mundo, a marca representando no máximo um enquadramento final do todo. A produção deles se dá num mercado global de trabalho e resulta numa prática produtiva chamada de “esvaziamento” [*hollowing*], uma vez que a marca é um símbolo vazio. Em seu estudo clássico *Lean and Mean*, Bennett Harrison mostra com exatidão como o poder hierárquico permanece firmemente no lugar nesse tipo de produção; a grande empresa tem em seu poder o mutante *corps de ballet* de empresas dependentes, e passa as quedas no ciclo dos negócios ou fracassos de produtos para os parceiros mais fracos, que são espremidos com mais força. As ilhas de trabalho ficam ao largo de um continente de poder.

Harrison chama essa rede de relações desiguais e instáveis “concentração sem centralização”; complementa o poder de reorganizar uma instituição de alto a baixo em fragmentos e nódulos de uma rede. O controle pode ser estabelecido instituindo-se metas de produção ou lucro para uma ampla variedade de grupos na organização, que cada unidade tem liberdade de cumprir da maneira que julgar adequada. Essa liberdade, no entanto, é especiosa. É raro as organizações flexíveis estabelecerem metas de fácil cumprimento; em geral as unidades são pressionadas a produzir ou ganhar muito mais do que está em suas capacidades imediatas. As realidades de oferta e procura raramente estão em sincronia com essas metas; o esforço é para forçar cada vez mais as unidades, apesar dessas realidades, uma pressão que vem da alta administração da instituição.<sup>45</sup>

Outra maneira de entender o sistema de poder descrito por Harrison é dizer que a contestação da velha ordem burocrática não significou *menos* estrutura institucional. A estrutura permanece nas forças que impelem as unidades ou indivíduos a realizar; o que fica em aberto é como fazer isso, e o topo da organização flexível raras vezes oferece as respostas. Está mais em posição de fazer a contabilidade de suas próprias exigências do que de indicar um sistema pelo qual elas podem ser cumpridas. “Concentração sem centralização” é uma maneira de transmitir a operação de comando numa estrutura que não mais tem a clareza de uma pirâmide — e a estrutura institucional se tornou mais complexa, não mais simples. Por isso a própria palavra “desburocratização” é enganadora, além de desgraciosa. Nas modernas organizações que praticam a concentração sem centralização, a dominação do alto é ao mesmo tempo forte e informe.

Uma maneira de compreender como os três elementos do regime flexível se juntam está na organização do tempo no

local de trabalho. As organizações flexíveis hoje estão fazendo experiências com vários horários do chamado "flexitempo". Em vez de turnos fixos, que não mudam de mês para mês, o dia de trabalho é um mosaico de pessoas trabalhando em horários diferentes, mais individualizados, como no escritório de Jeannette. Esse mosaico de tempo de trabalho parece distante da monótona organização do trabalho na fábrica de alfinetes; na verdade, parece uma liberação do tempo de trabalho, um verdadeiro benefício do ataque da organização moderna à rotina padronizada. As realidades do flexitempo são bem diferentes.

O flexitempo surgiu do novo influxo de mulheres no mundo do trabalho. Mulheres pobres como Flavia sempre trabalharam em maior número que as da burguesia. Na última geração, como observamos, números significativos de mulheres entraram nas fileiras da mão-de-obra de classe média nos Estados Unidos, Europa e Japão, e continuaram na força de trabalho mesmo depois de ter filhos; juntaram-se às mulheres já empregadas em níveis inferiores dos serviços e da manufatura. Em 1960, cerca de 30 por cento das americanas estavam na força de trabalho assalariada, e 70 por cento não; em 1990, quase 60 por cento estavam na força de trabalho assalariada, e só 40 por cento não. Nas economias desenvolvidas do mundo em 1990, quase 50 por cento da força de trabalho profissional liberal e técnica já eram de mulheres, a maioria empregada em tempo integral.<sup>46</sup> A necessidade, assim como o desejo pessoal, motivou esse trabalho; um padrão de vida de classe média em geral exige hoje dois assalariados adultos. Essas trabalhadoras precisavam, porém, de horas de trabalho mais flexíveis; em todas as classes, muitas delas são empregadas de meio período e mães em período integral. (Tabela 5.)

A entrada de mais mulheres da classe média na força de trabalho ajudou assim a causar maior inovação no planeja-

mento flexível do tempo integral e de meio período. A essa altura, tais mudanças já cruzaram a barreira dos gêneros, de modo que também os homens têm horários elásticos. O flexitempo hoje atua de várias maneiras. A mais simples, usada de alguma forma por cerca de 70 por cento das empresas americanas, é o trabalhador dar uma semana integral de trabalho, mas determinando quando, durante o dia, estará na fábrica ou no escritório. No extremo oposto, cerca de 20 por cento das empresas permitem horários de trabalho "comprimidos", como quando o empregado faz o trabalho de toda uma semana em quatro dias. Trabalhar em casa é hoje uma opção em cerca de 16 por cento das empresas, sobretudo para trabalhadores em serviços, vendas e técnicos, o que se tornou possível em grande parte devido ao desenvolvimento de intra-redes de comunicação. Nos Estados Unidos, homens e mulheres brancos de classe média têm hoje mais acesso a horários flexíveis de trabalho que os que trabalham em fábricas, ou os trabalhadores hispânicos. O flexitempo é um privilégio do dia de trabalho; o trabalho noturno ainda é passado para as classes menos privilegiadas. (Tabela 6.)

Esse fato assinala outra maneira em que o flexitempo, embora parecendo prometer maior liberdade que a do trabalhador atrelado à rotina da fábrica de alfinetes de Smith, está, ao contrário, entretecido numa nova trama de controle. O flexitempo não é como o calendário de folgas, em que os trabalhadores sabem o que esperar; tampouco é comparável com o simples total de horas semanais de trabalho que uma empresa pode estabelecer para seus empregados de nível inferior. A programação flexível do tempo é mais um benefício concedido a trabalhadores favorecidos, diz a analista administrativa Lotte Bailyn, do que um direito trabalhista; é um benefício distribuído de maneira desigual e estritamente racio-

nado. Isso hoje se aplica aos Estados Unidos; outros países estão chegando à prática americana.<sup>47</sup>

Se o flexitempo é a recompensa do empregado, também o põe no domínio íntimo da instituição. Vejam o mais flexível dos flexitempos, o trabalho em casa. Esse prêmio causa grande ansiedade entre os empregadores; eles temem perder o controle sobre os trabalhadores ausentes, e desconfiam de que os que ficam em casa abusam dessa liberdade.<sup>48</sup> Em consequência, criou-se um monte de controles para regular os processos de trabalho concreto dos ausentes do escritório. Exige-se que as pessoas telefonem regularmente para o escritório, ou usam-se controles de intra-rede para monitorar o trabalhador ausente; os *e-mails* são freqüentemente abertos pelos supervisores. Poucas organizações que montam esquemas de flexitempo dizem a seus trabalhadores: "Aqui está a tarefa; faça-a como quiser, contanto que seja feita", no modelo do *Tagwerk*. Um trabalhador em flexitempo controla o local do trabalho, mas não adquire maior controle sobre o processo de trabalho em si. A essa altura, vários estudos sugerem que a supervisão do trabalho muitas vezes é na verdade maior para os ausentes do escritório que para os presentes.<sup>49</sup>

Os trabalhadores, assim, trocam uma forma de submissão ao poder — cara a cara — por outra, eletrônica; foi o que descobriu Jeannette, por exemplo, quando se mudou para um local de trabalho mais flexível no Leste. A microadministração do tempo avança rapidamente, mesmo quando o tempo parece desregulado em comparação com os males da fábrica de alfinetes de Smith ou o fordismo. A "lógica métrica" do tempo de Daniel Bell passou do relógio de ponto para a tela do computador. O trabalho é fisicamente descentralizado, o poder sobre o trabalhador mais direto. Trabalhar em casa é a ilha última do novo regime.

Estas, pois, são as forças que dobram as pessoas à mudança: reinvenção da burocracia, especialização flexível de produção, concentração sem centralização. Na revolta contra a rotina, a aparência de nova liberdade é enganosa. O tempo nas instituições e para os indivíduos não foi libertado da jaula de ferro do passado, mas sujeito a novos controles do alto para baixo. O tempo da flexibilidade é o tempo de um novo poder. Flexibilidade gera desordem, mas não livra das limitações.

A versão iluminista da flexibilidade de Smith imaginava que ela enriqueceria tanto ética quanto materialmente as pessoas; seu indivíduo flexível é capaz de súbitas explosões de simpatia pelos outros. Uma estrutura de caráter bastante diferente surge entre os que exercem o poder dentro desse complicado regime moderno. Eles são livres, mas é uma liberdade amoral.

Nos últimos anos tenho ido, no inverno, a um encontro de líderes empresariais e políticos no balneário montanhês suíço de Davos. Chega-se à aldeia subindo uma estreita estrada por entre os Alpes; a própria Davos é uma rua principal ladeada por hotéis, lojas e cabanas de esqui. Thomas Mann situou ali *A montanha mágica*, num grande hotel que foi outrora um sanatório para pacientes de tuberculose. Durante a semana do Fórum Econômico Mundial, Davos é mais sede de poder que de saúde.

Ao longo da rua principal uma serpente de limusines retorce-se diante do palácio de conferências, onde há guardas, cães policiais e detetores de metal. Cada uma das duas mil pessoas que baixam na aldeia precisa de um crachá de segurança eletrônica para entrar no palácio, mas o crachá faz mais do que manter a ralé a distância. Contém um código eletrônico que permite ao portador ler e mandar mensagens num sofisticado sistema de computadores, e assim marcar encontros e fazer negócios — nas salas de café, nas encostas de esqui ou

nos perfeitos banquetes cujos esquemas de lugares são muitas vezes destruídos pela pressão dos negócios.

Davos dedica-se ao aquecimento econômico global, o centro de conferências cheio de ex-comunistas louvando as virtudes do livre comércio e do consumo conspícuo. A *lingua franca* é o inglês, assinalando o papel dominante dos Estados Unidos no novo capitalismo, e a maioria das pessoas o fala extremamente bem. O Fórum Econômico Mundial funciona mais como uma corte que como uma conferência. Seus monarcas são chefes de grandes bancos ou empresas internacionais, bons ouvintes. Os cortesãos falam fluentemente e em voz baixa, tentando um empréstimo ou um negócio. Davos custa aos homens de negócios (são sobretudo homens) muito dinheiro, e só vão lá os do topo. Mas a atmosfera cortesã é contaminada por um certo medo, o medo de ser "deixado de fora do circuito" nessa Versalhes coberta de neve.

Uma espécie de ressentimento de família tem-me feito voltar sempre a Davos como observador. Minha família se compunha sobretudo de organizadores esquerdistas. Meu pai e meu tio lutaram na Guerra Civil espanhola; a princípio contra os fascistas, mas no fim da guerra também contra os comunistas. A desilusão pós-combate tem sido, em maior parte, a história da esquerda americana. Minha própria geração teve de abrir mão das esperanças que nos cativavam em 1969, quando a revolução parecia estar a um passo; a maioria de nós acabou indo parar, estrangida, nessa zona nebulosa um pouco à esquerda do centro, onde as palavras bombásticas contam mais que os atos.

E ali, nas encostas de esquí da Suíça, vestidos como para praticar esportes, estão os vencedores. Aprendi uma coisa do meu passado: seria fatal tratá-los como apenas pérfidos. Enquanto os de minha espécie se tornaram adeptos de uma espécie de desconfiança passiva da realidade existente, a corte

de Davos estua de energia. Defende as grandes mudanças que assinalaram nossa época: novas tecnologias, ataque às burocracias rígidas, economia transnacional. Poucas das pessoas que conheci em Davos começaram a vida ricas ou poderosas como se tornaram depois. É um reino de conquistadores, e devem muitas de suas conquistas à prática da flexibilidade.

O Homem de Davos está mais publicamente encarnado em Bill Gates, o ubíquo presidente do conselho da Microsoft Corporation. Ele apareceu há pouco; como fazem muitos oradores na reunião, tanto em pessoa quanto ampliado numa imensa tela de televisão. Ouviram-se murmúrios de alguns maníacos da tecnologia na sala, quando a cabeça gigante falou; acham medíocre a qualidade dos produtos da Microsoft. Mas para a maioria dos executivos ele é uma figura heróica, e não só porque ergueu uma empresa enorme do nada. É o próprio epítome do magnata flexível, como ficou demonstrado mais recentemente quando descobriu que não tinha previsto as possibilidades da Internet. Gates volveu suas imensas operações num minuto, reorganizando seu foco empresarial em busca da nova oportunidade de mercado.

Quando eu era criança, tinha uma coleção de livros intitulada Pequena Biblioteca Lênin, que mostrava em detalhes gráficos o caráter do capitalista que se faz a si mesmo. Uma ilustração particularmente espantosa mostrava o velho John D. Rockefeller como um elefante, esmagando infelizes operários sob as patas enormes, a tromba agarrando máquinas de trem e perfuradoras de petróleo. O Homem de Davos pode ser implacável e ganancioso, mas só essas qualidades animais não bastam para explicar os traços de caráter dos magnatas da tecnologia, dos capitalistas de risco e dos expertos em reengenharia empresarial ali reunidos.

Gates, por exemplo, parece não ter a obsessão de se apegar às coisas. Seus produtos surgem numa fúria e desapare-

cem com a mesma rapidez, enquanto Rockefeller queria ser dono de perfuradoras de petróleo, prédios, máquinas ou estradas de ferro, a longo prazo. A falta de apego a longo prazo parece assinalar a atitude de Gates em relação ao trabalho: ele falou mais de alguém tomar posição numa rede de possibilidades do que ficar paralisado num determinado emprego. Em todos os aspectos, é um competidor brutal, e a prova de sua ganância é do conhecimento público; dedicou apenas uma minúscula fatia de seus bilhões à beneficência ou ao bem público. Mas sua disposição a dobrar-se é evidenciada por estar pronto para destruir o que fez, diante das demandas do momento imediato — tem a capacidade de largar, embora não de dar.

Essa ausência de apego temporal está ligada a um segundo traço de flexibilidade de caráter, a tolerância com a fragmentação. Quando Gates conferenciou no ano passado, deu um determinado conselho. Disse-nos que o crescimento das empresas tecnológicas é um caos, assinalado por algumas experiências, erros e contradições. Outros tecnocratas americanos disseram a mesma coisa aos colegas reno-europeus, que, aparentemente presos em velhos modos formalistas, querem criar uma “política tecnológica” coerente para suas empresas ou países. O crescimento, disseram os americanos, não se dá dessa forma clara, burocraticamente planejada.

Talvez o que leva o capitalista hoje a buscar muitas possibilidades ao mesmo tempo não seja mais que a necessidade econômica. Tais realidades práticas exigem no entanto uma determinada força de caráter — a de alguém que tem a confiança de permanecer na desordem, alguém que prospera em meio ao deslocamento. Rico, como vimos, sofria emocionalmente com os deslocamentos sociais que acompanharam o seu sucesso. Os verdadeiros vencedores não sofrem com a fragmentação. Ao contrário, são estimulados por trabalhar em

muitas frentes diferentes ao mesmo tempo; é parte da energia da mudança irreversível.

Capacidade de desprender-se do próprio passado, confiança para aceitar a fragmentação: estes são dois traços de caráter que aparecem em Davos entre pessoas realmente à vontade no novo capitalismo. São traços que encorajam a espontaneidade, mas ali na montanha essa espontaneidade é, na melhor das hipóteses, neutra. Esses mesmos traços de caráter que geram a espontaneidade se tornam mais autodestrutivos para os que trabalham mais embaixo no regime flexível. Os três elementos do sistema de poder flexível corroem o caráter de empregados mais comuns que tentam jogar segundo as mesmas regras. Ou pelo menos foi o que constatei descendo da montanha mágica e voltando a Boston.

CORBAIN, Alain. Sabores e odors: o  
olfato e o imaginário social nos  
séculos XVIII e XIX.

São Paulo: Cia das Letras, 1987.

I

## AS ESTRATÉGIAS DA DESODORIZAÇÃO

### PAVIMENTAR. DRENAR. VENTILAR

A ascensão das preocupações higienistas no final do século XVIII suscitou numerosos textos. Meu propósito não é estabelecer seu balanço, mas operar uma releitura do discurso e tentar uma revisão das realizações na perspectiva de uma história sensorial. A política sanitária que então se estrutura inspira-se num passado já distante, assombrado pelo nauseabundo; ela assume práticas herdadas da ciência antiga, ressurgidas no campo dos regulamentos urbanos por volta do século XIV. No entanto, esse higienismo não se restringe à reutilização (do dejetos): a evolução das convicções médicas e, mais ainda, os progressos da química já asseguram a sua modernidade.

A estratégia sanitária que se modela então não mais se reveste com o caráter episódico daquela que se desenvolvia quando grassavam epidemias; ela pretende chegar à permanência; ela opera uma síntese; ela coordena as decisões de uma forma edilitária. "A invenção da questão urbana",<sup>1</sup> o triunfo da concepção funcional da "cidade-máquina" incitam a uma "toalete topográfica", indissociável da "toalete social", que a limpeza de ruas e a instalação dos locais de confinamento atestam. A partir do decênio 1740-1750, institui-se uma polícia sanitária, visando ser coerente, sob a direção de médicos aureolados senão pelas maravilhas de sua eficácia, ao menos pela au-

toridade que um "saber transparente", "indiferente aos interesses particulares", lhes confere. A demografia nascente, que tende a identificar a cidade à tumba, reforça o pessimismo urbano e acentua a urgência do projeto do bem-estar social.

Desinfetar — e portanto desodorizar — participa, além do mais, de um projeto utópico: aquele que visa a calar os testemunhos do tempo orgânico e a rechaçar todos os marcadores irrefutáveis da duração, essas profecias de morte que são o excremento, o produto dos mênstruos, a podridão da carne e o fedor do cadáver.<sup>2</sup> O silêncio olfativo não desarma apenas o miasma; nega o escoamento da vida e a sucessão dos seres: ajuda a suportar a angústia da morte.

O mais arcaico dos imperativos dessa higiene desodorizante consiste em tentar isolar o espaço aéreo das emanações telúricas. Interromper o fluxo dos sopros plutonianos, proteger-se contra o regurgitar do solo, impedir sua impregnação com a finalidade de garantir o futuro e, na medida do possível, cercar os fedores acabam sendo cuidados permanentes. Em toda parte onde o dessecamento se torna impossível, é importante inundar as vasas, submergir as terríveis fissuras e assim evitar o escape dos eflúvios que se desprendem daí. Quando se torna indispensável dragar uma bacia portuária ou um canal submetido ao fluxo da maré, é melhor esperar que as águas os recubram.<sup>3</sup> Chaptal aconselhará que se aterrem com areia as margens dos pântanos.<sup>4</sup>

Um cuidado semelhante explica a inquieta atenção<sup>5</sup> dada à "tenebrosa arte de pavimentar", minuciosamente codificada pelo abade Bertholon.<sup>6</sup> A tradição culturalista da cidade alimenta o sonho das vias de pedras, imitadas dos romanos. O pavimento agrada ao olhar; torna a circulação mais fácil; facilita a lavagem com muita água. Mas pavimentar é antes de tudo isolar-se da sujeira do solo ou da putridéz das camadas aquáticas. Nos locais estreitos que se avizinham das feiras, o pavimento é indispensável.<sup>7</sup> Em Caen, cidade particularmente ameaçada pela extensão de águas estagnantes, pavimenta-se sem trégua.<sup>8</sup> O uso recente de calçadas, importado da Inglaterra,

que só se desenvolverá na França muito lentamente, advém do mesmo imperativo. Ele surge pela primeira vez em Paris, em 1782, jadeando a rua do Teatro Francês (rua do Odéon).

Na ordem do discurso, prega-se então a extensão da pavimentação para as ruas dos vilarejos e para o interior da casa camponesa.<sup>9</sup> Howard aconselha que se substituam os pisos de corte dos hospitais pela pedra chata.<sup>10</sup> A forração das fossas sépticas, única coisa suscetível de canalizar a impregnação, torna-se objeto de prescrições cuja precisão pode até parecer surpreendente.<sup>11</sup> E no entanto, nota Franklin, a pavimentação introduz um dilema. Se ela atrapalha a elevação dos fedores, por outro lado interrompe a infiltração, atrasa o enxaguar do solo pela chuva, impede a renovação das águas subterrâneas e, portanto, a eliminação da infecção passada. Numa palavra, favorece a estagnação.

Contra a *lepra domorum*, os higienistas adotam as injunções de Moisés. Retirar o velho reboco e substituí-lo, estaquear as paredes e eliminar os tijolos que estiverem em contato direto com o solo, pois estarão embebidos de substâncias pútridas misturadas à terra, são mais do que puros imperativos técnicos.<sup>12</sup> Rebocar, forrar, pintar, caiar paredes, tetos e madeiramentos é vestir uma couraça contra o miasma. Assim se justifica o sucesso do estuque, que não somente agrada à visão como também se revela um eficaz agente de luta contra a infecção. O estranho sr. Banau destina seu verniz antimefítico às paredes tanto quanto aos móveis e às roupas.<sup>13</sup> Howard felicita-se pelo fato de que, no hospital de Corte, telhas envernizadas recobrem as divisórias até uma altura de oito pés.<sup>14</sup>

A vontade de obturar hermeticamente os reservatórios de odor parece totalmente natural; ela não poderia ser considerada como de segunda ordem; será essa vontade que organizará a estratégia adotada pelos higienistas face aos danos olfativos causados pela indústria.<sup>15</sup> As técnicas de fabricação em redomas prestadas pelos sábios justificarão a presença das fábricas de produtos químicos no coração da cidade. Este procedimento, que dentro de uma perspectiva augustiniana se tornará um dos

eixos do futuro regulamentarismo, começa a se esboçar tendo como alvo o excremento. O abade Bertholon exige uma boa junção para os tonéis limpa-fossas, propondo-lhes modelos. Thouret mostra-se satisfeito em constatar que a maioria dos carros com esse fim é doravante calafetada com estuques.

Apesar da importância dada à circulação das massas aquáticas, o uso da água permanece ambíguo. Limpar significa não tanto lavar, mas antes *drenar*; o essencial é assegurar o escoamento, a evacuação da imundície. Desde a descoberta de Harvey, o modelo da circulação sanguínea induz, numa perspectiva organicista, o imperativo do movimento do ar, da água, dos produtos. O contrário do insalubre é o movimento. Como observa Bruno Fortier, "nada que seja móvel e forme massa pode com efeito, corromper-se".<sup>17</sup> A doutrina dos fisiocratas transpõe essa injunção no plano econômico. O reconhecimento das funções de circulação, como ressalta Jean-Claude Perrot, é o que conduz às mutações das representações urbanas; ela precipita as sangrias, as "demolições de fortificações".<sup>18</sup> A virtude dada ao movimento incita às canalizações e à expulsão da imundície; justifica a importância dada à queda d'água das construções. Secar uma cidade através da drenagem significa desativar a estagnação pútrida genealógica, preservar o futuro desta cidade, garantir, através da técnica, a regulação que a natureza sozinha não poderia operar nesses locais de amontoamento artificial.

A drenagem de pântanos pestilenciais, situados na vizinhança de cidades, inscreve-se na ordem do dia. Em 1760, Voltaire decide sanear os arredores de Ferney.<sup>19</sup> Em 1781, o marquês de Voyer combate os pântanos que envolvem Rochefort. Bernardin de Saint-Pierre torna-se propagandista da drenagem. O mais importante, para nosso objeto, é a drenagem das ruas. Limpar o calçamento constitui, certamente, uma das mais antigas preocupações. Jean-Noël Biragen ressalta que ela se manifesta já no século XIV, notadamente na época da peste negra em Narbonne.<sup>21</sup> Ao longo dos anos, a estratégia se refinou. Em 1665-1666, o medo da epidemia dá ocasião a que se limpem as

ruas de Amiens;<sup>22</sup> as autoridades decretam a retirada das lamas do lixo, suscetíveis de espalhar "o ar ruim". Quando o mal se instala, em 1669, multiplicam-se as medidas sanitárias de luta contra a infecção; decide-se abater o gado e as aves; ordena-se escavar latrinas em cada casa. A situação de Amiens é exemplar. Pierre Deyon releva práticas idênticas na região de Agen, bem como no vale do Ruhr e na região de Anvers.<sup>23</sup>

No século XVIII, é bom que se repita, faz-se mais preciso o policiamento sanitário, visando tornar-se cotidiano. Em 1779, a limpeza das ruas de Paris torna-se tema de concurso científico. O problema dos esgotos já sustenta um debate permanente.<sup>24</sup> Os projetos abundam, tendendo a aprisionar e a evacuar o lixo. Depois da do excremento, a privatização do dejetivo passa a inspirar os autores. Chauvet prega o modelo de Lyon. Nesta cidade, "mantêm-se, em cada andar das casas, caixas onde se guardam o resultado das varreduras; camponeses dos arredores vêm regularmente, todas as semanas, retirá-las...".<sup>25</sup> Tournon propõe substituir as pedras, ao pé das quais se depositam os lixos, por recipientes de ferro, ocultos em seu interior; recomenda, além disso, a edificação, perto de cada casa, de uma pequena guarita, no nível da fachada e do calçamento, em forma de respiradouro e com "porta deslizante".<sup>26</sup>

Os reformadores projetam evacuar, ao mesmo tempo que o lixo, o vagabundo, os fedores da imundície e da infecção social. Bertholon propõe que se utilizem os mendigos para varrer as ruas.<sup>27</sup> Chauvet quer reservar para esta tarefa os pobres e os enfermos.<sup>28</sup> Berna, observa com admiração Lavoisier em 1780, é a cidade que melhor se mantém limpa. Os forçados arrastam todas as manhãs, pelas ruas (...), grandes carroças de quatro rodas por um timão ao qual se acham acorrentados; correntes mais longas e mais leves mantêm ligadas às mesmas carroças mulheres condenadas pela justiça (...); uma metade dessas mulheres varre as ruas, enquanto a outra metade enche a carroça com as imundícies".<sup>29</sup> Mathieu Géraud propõe confiar a forçados portadores de números, entravados por uma bola de ferro, o cuidado de purificar a cidade. "Varreriam as

ruas e encheriam com a lama os caixões arrastados por seus camaradas. Retirariam também a vasa dos esgotos, dos poços retirariam cadáveres de animais grandes, como cavalo, mula etc., e pequenos, como cães e gatos, retirariam junto com as lamas, para onde geralmente os jogamos." <sup>30</sup> A cada dia, retirariam o tonel onde se guardam os dejetos e os excrementos da casa e colocariam no lugar o tonel da véspera, já bem lavado.

Arlette Farge e Pierre Saddy <sup>31</sup> analisaram o discurso repetitivo dos decretos sanitários. Esgotar os córregos que fluem no meio do calçamento por meio da proibição das goteiras que transbordem (1764), proibir que se joguem matérias e líquidos, <sup>32</sup> impor que se varram as frentes das portas, garantir <sup>33</sup> que se molhem os passeios, as pontes e os cais, fazer coletar todas as manhãs em carros bem fechados os lixos domésticos depositados perto dos locais assinalados, reformar as técnicas de limpeza, generalizar o sistema de cloacas; tais são as principais medidas que ascalonam esse "ciclo das imundícies" que se tenta estabelecer.

A vontade de revolucionar a limpeza de fossas constitui o elemento essencial da nova prática sanitária. Sabemos a razão. Desde o decreto de 8 de novembro de 1729, os mestres limpa-fossas gozam de um monopólio. Em compensação, estão submetidos a regulamentos cada vez mais precisos. O decreto de 31 de maio de 1726 os proíbe de fazer escoar as matérias nos córregos das ruas, bem como de jogá-los no Sena ou nos poços. Os *compagnons* \* devem evitar o uso de tonéis perfurados, são instados a varrer, lavar e limpar o terreno após sua passagem e devem trabalhar somente à noite. São obrigados a dirigir-se diretamente aos condutores e a evitar pararem em cabarés. Catálogo de injunções que permite identificar os abusos e discernir a gênese do regulamentarismo futuro; tanto é verdade

(\*) *Compagnon, compagnonage*, ref. à corporação de artesãos itinerantes. (N.T.)

de que este encontrará seu campo de experiência entre os operários da imundície.

Em 1777, <sup>34</sup> a desinfecção das fossas é posta em concurso. Mais de vinte sábios, <sup>35</sup> e não dos menores (Fourcroy, Guyton de Morveau, Hallé, Lavoisier, Parmentier, Pilâtre de Rozier . . .), participam dos trabalhos e tentam, graças à análise dos gases mefíticos, descobrir o melhor dos desinfetantes. Trata-se de desativar os fedores e assim garantir a inocuidade da drenagem.

A evacuação da imundície, sem a utilização de água, implica uma extensão de condutores destinados a receber, de um lado, as lamas e dejetos domésticos e, de outro lado, os excrementos e as carniças. Enquanto os depósitos de lixo se multiplicam na capital, as cloacas do *faubourg* Saint-Germain e do *Enfant Jésus* (*faubourg* Saint-Marceau) são suprimidas (1781). Desde então, começa o longo monopólio excrementício de Montfaucon. Sabe-se o quanto sua existência se tornará objeto de obsessão.

Esse policiamento sanitário, de início apresentado como uma luta contra os odores nauseabundos, revela-se por enquanto sem grande eficácia, pelo menos em Paris. O único progresso de alguma importância concerne à limpeza de fossas. De resto, a se acreditar nas descrições, o fedor só faz piorar. As ruas da cidade eram menos sujas há vinte anos, escreve Ronesse, em 1782. <sup>36</sup> A multiplicação dos carros, a supressão das goteiras salientes que desaguavam no "córrego" e o envidraçamento das lojas, que conduziram os comerciantes a negligenciarem a obrigação de varrer as frentes das portas, explicariam o progresso da imundície. Restaria medir aquilo que esta análise deve às novas exigências sensíveis.

A ventilação constitui doravante o eixo da estratégia higienista. O fluxo que se deve controlar, antes de mais nada, é o do ar. Mais ainda do que drenar a imundície, é assegurar a circulação do fluido aéreo, o que melhor corresponde ao medo da estagnação e da fixidez, associadas à frieza e ao silêncio do túmulo. <sup>37</sup> O aerismo neo-hipocrático encontra sua justificativa teórica. A ventilação, e eis a primeira de suas virtudes, restaura

a elasticidade e a qualidade anti-séptica do ar.<sup>38</sup> Além disso, como Hales ressalta,<sup>39</sup> o movimento atmosférico purifica e desodoriza, devido à agitação que lhe comunica, a água corrompida pela estagnação. Ventilar, é por fim, varrer as baixas camadas do ar,<sup>40</sup> “constranger a selvagem circulação dos miasmas”,<sup>41</sup> controlar o fluxo mórbido lá onde a natureza não pode exercer livremente sua regulação. A desodorização virá sancionar esse domínio das correntes.

A ventilação obcecante permitirá esta permanência do olhar, tão acentuada por Michel Foucault. Vigiar e controlar a circulação dos fluxos aéreos manifestam parentescos evidentes, tanto um como outro implicam a luta contra o canto obscuro onde estagna o ar viciado. Mas há coisas mais importantes para nosso propósito do que os laços que interligam o silêncio olfativo e a vigilância dos comportamentos. Quando a ventilação tiver tomado em consideração a nova espacialidade dos corpos, quando se revelar capaz de preservar os odores do outro,<sup>42</sup> poderá ser estabelecido esse confronto permanente entre o indivíduo e os seus odores, base para a mola do narcisismo. É esta a história que precisamos abordar.

A utilização dos ventos, o uso das máquinas, notadamente o do fole, e a aspiração forçada em direção a uma fonte de calor coexistem na prática. Em 1713, Gauger publicava sua *Mecânica do fogo*, livro sem grande alcance prático de imediato, mas que logo iria se tornar obra de referência. O primeiro dos objetivos do sábio francês era o de aquecer e ventilar ao mesmo tempo, graças ao domínio dos fluxos que se organizam em torno do núcleo de fogo da chaminé, da biblioteca do castelo, do quarto das senhoras e do quarto dos doentes da aristocracia. Gauger visa de início o espaço privado. Propõe tornar mais confortáveis os trabalhos de recreação e de lazer intelectual dos grandes. Restaurando a elasticidade do ar, ele ambiciona refrear as doenças femininas. Em 1742, Arbuthnot adota o mesmo procedimento. “O bom ajustamento do ar”, a seu ver, constitui apenas um dos ramos do regime e só concerne ao quarto do doente.

O segundo terço do século revela-se decisivo. Em 1736, Desaguliers, inspirado por Téral e por Gauger, que ele traduz para o inglês, consegue renovar o ar da Câmara dos Comuns por meio de um ventilador de força centrífuga, apresentado sob a forma de uma roda de fole. O duque de Chandos instalará duas dessas máquinas em sua biblioteca; deverão funcionar por mais de um quarto de século. Em 1739, Samuel Sutton propõe que se ventilem os navios com a força gerada por fornos instalados no coração da embarcação.<sup>43</sup> Dois anos mais tarde, Hales e o sueco Martin Triewald adotam o fole e constroem ventiladores mecânicos.

Até o final do século, as pessoas se contentam em discutir os respectivos méritos dos diferentes processos e em optar, timidamente, por um deles. Em 1741, o aparelho de Triewald é posto em experiência na frota sueca, com sucesso; o aparelho de Hales funciona em várias minas de carvão; é também utilizado no hospital de Winchester<sup>44</sup> e nas prisões de Newgate. Aqui, a ventilação é conseguida com um moinho colocado sobre o teto das edificações e, na falta de vento, com o “braço dos homens ou com o recurso de animais”.<sup>45</sup> O sopro produzido é reservado aos “prisioneiros inocentes”. Sutton experimenta seu aparelho em dois navios, em Deptford e em Portsmouth; desde 1741, o engenho é adotado em várias embarcações da marinha inglesa.<sup>46</sup> Na França, o visconde de Morogues e Duhamel du Monceau (1759) tornam-se, embora sem sucesso, propagandistas das novas máquinas; aconselham que sejam instaladas nos barcos do rei.

De fato, o ventilador das fossas sépticas, destinado a tornar inodoras as limpezas das fossas, permanecerá sendo o único aparelho suficientemente difundido, ao menos na capital. É utilizado antes de se começar a operação. Trata-se de um gabinete de madeira, contendo vários foles, que é colocado na abertura da fossa. “O vento é levado até ela por três tubos, dois dos quais horizontais.”<sup>47</sup> Os vapores são expulsos a grande altitude, “fora do alcance dos sentidos”. Sua eficácia revela-se indubitável. Graças ao ventilador, “a limpeza das fossas — pretende

o seu inventor — tornou-se uma operação (...) que mal se percebe na casa onde se faz o trabalho".<sup>48</sup> Os membros da comissão formada em 1778 para observar seus efeitos o confirmaram.

Além do uso do leque, que constitui o mais sumário dos ventiladores, práticas heteróclitas asseguram, segundo o caso, a aeração do espaço público, bem como do espaço privado. Certos médicos<sup>49</sup> aconselham que se agitem violentamente os lençóis a fim de renovar o ar do quarto dos doentes. Ingenhousz propõe que se faça funcionar simultaneamente as portas do apartamento para provocar correntes de vento.<sup>50</sup> Sua proposta freqüentemente retomada, será vivamente criticada; sua eventual eficácia suscita polêmica. Howard declara-se a favor dela e aconselha que se estenda essa prática aos hospitais.<sup>51</sup> Banau e Turben propõem que se plantem plátanos, choupos, olmos e betulas às margens dos pântanos; e mais árvores de ramada ampla, cujo cimo móvel varre, segundo eles, as camadas baixas da atmosfera.<sup>52</sup> Com a mesma finalidade, aconselham que se instalem, nesses lugares pútridos, moinhos de vento com rotação horizontal; pensam mesmo em montá-los sobre carretas para com isto beneficiar outros setores da região malsã. Baumes<sup>53</sup> prefere os foles ou o moinho do tipo daquele que fora instalado em Dresde a conselho de Forestus. Monfalcon lembrará que um médico da região de Bresse havia então proposto "a dança como um meio excelente de neutralizar os efeitos funestos das emanções pantanosas".<sup>54</sup>

→ A circulação de veículos no interior da cidade é objeto de análises espantosas. O carro revela-se, a bem dizer, um engenho ambíguo: refúgio contra as emanções da multidão,<sup>55</sup> é também local de confinamento e, portanto, demasiado perigoso para os indivíduos que nele entram; tanto mais que os solavancos que o agitam incômodam a digestão e seu uso abusivo apressa o aparecimento da gota e dos reumatismos.<sup>56</sup> Na escala da cidade, os veículos tornam-se ventiladores, e assim seria conveniente favorecer sua multiplicação.<sup>57</sup>

Os abalos da atmosfera pelo sino e pela deflagração do ca

nhão continuam sendo grandes meios de ventilação quando a ameaça pútrida se exacerda. Navier considera que a saúde do soldado era pior na época em que ele combatia com armas brancas. O canhão purifica e desodoriza o ar dos campos de batalha, empestado por cadáveres e carniças.<sup>58</sup> Por um inesperado desvio, torna-se agente de salubridade. A varredura da atmosfera por meio de explosão desinfeta. Jean-Noël Biraben observa que, a partir do século XVII, as fumigações aromáticas são reforçadas pela adição de enxofre e freqüentemente de pólvora de canhão.<sup>59</sup> Baumes pretende purificar o ar dos pântanos minando o terreno.<sup>60</sup> Banau e Turben declaram-se favoráveis à ação de baterias superpostas.<sup>61</sup> Em 1773, explode-se pólvora no interior da igreja Saint-Etienne de Dijon a fim de rechaçar o mau cheiro dos cadáveres.<sup>62</sup>

Tudo aquilo que corresponde à vontade de controlar os fluxos aquáticos concerne também à ventilação. Entre o ar e a água estabelecem-se trocas salubres. O vento saneia os rios e as represas; agitar a atmosfera dos pântanos assegura a salubridade das águas; remexer o conteúdo de um vaso já é purificá-lo. Inversamente, a queda d'água continua sendo o melhor dos foles. A agitação da correnteza se comunica à atmosfera. Banau e Turben, que marcam o último estágio do fantasma da ventilação, recomendam a instalação de cascatas no centro das represas, provocar jatos, suscitar esguichos aquáticos. Aconselham também instalar pequenas quedas d'água nas extremidades da mesa da sala de jantar e encorajar a criação de peixes vermelhos devido à agitação que estes comunicam à água do aquário!<sup>63</sup>

O leito do rio, ponto de concentração dos fluxos, contribui para a salubridade da cidade. Bem estruturado, pode tornar-se um dos mais eficazes reguladores. Encerrar o Sena entre dois sólidos alinhamentos de cais, forçá-lo desse modo a uma agitação permanente e salvadora, impedir por esse meio a estagnação nauseabunda, e portanto nociva, das carniças e das imundícies, é assim que se configura um dos sonhos mais insistentes dos higienistas parisienses. Bruno Fortier ressaltou a

multiplicidade de projetos destinados a controlar e a mobilizar as massas de água.<sup>64</sup> A circulação dos sopros aéreos engendrados pelo leito do rio assim canalizado merece tanta atenção quanto a amplitude e a velocidade das correntes aquáticas.

O papel dos arranjos destinados a dominar e a organizar os movimentos naturais do ar vence os procedimentos do fole e do forno de aspiração. O único ventilador largamente utilizado nos navios, mesmo no seio da frota inglesa, é ainda a vela de ventilação, que faz o ar se engolfar nos flancos do navio. Apesar de seus evidentes inconvenientes, já que não pode funcionar em calma e diminui a marcha dos barcos, o ventilador a vela satisfaz os marinheiros; estes se opõem por muito tempo à sua substituição. É também utilizado em alguns edifícios coletivos; Howard observa sua utilização na prisão de Maidstone.<sup>65</sup>

A proteção sanitária pela ventilação continua a organizar a profilaxia. Desde séculos, as "cabanas", "barracos" e "tendas" instaladas fora da cidade, em locais ventilados e fáceis de desinfetar pelo fogo, serviam para refrear a marcha da epidemia. Assim se amontoavam os doentes.<sup>66</sup> Até meados do século XIX, a "sala de ventilação" continua a ser, juntamente com a "sala dos perfumes", uma das peças mestras dos lazaretos. Os objetos suspeitos, uma vez desembalados, eram aí submetidos às correntes purificadoras.

Conhece-se a influência exercida pelas teorias aeristas na arquitetura das Luzes. O funcionalismo e o utilitarismo nascente entram em competição com a tradição culturalista, ou ao menos modificam sua significação. Os autores de projetos ambicionam "utilizar (...) somente os recursos da arquitetura para captar, fazer circular e rejeitar o ar".<sup>67</sup> O desenho do edifício deve conduzir à divisão entre as exalações pútridas e as correntes de ar fresco, da mesma forma como deve permitir a distinção entre águas puras e águas usadas. O próprio corpo do edifício poderia tornar sem objetivo os usos antigos. A cúpula e o domo transformam-se em máquinas; sua missão é aspirar os miasmas; provocam invisíveis espirais nauseabundas, que os

142  
experts sobem para respirar nos telhados. O grau de mau cheiro deve permitir medir a eficácia do arquiteto. O hospital de Lyon, neste aspecto, é modelar.<sup>68</sup> Soufflot concebeu uma sala abobadada, cuja forma elíptica permite eliminar os cantos estagnantes e estabelecer correntes de ar ascendentes.<sup>69</sup>

A arcada tem de agora em diante a finalidade de permitir a aeração da parte inferior dos edifícios e de interromper os bafios. O pórtico garante a ventilação, ao mesmo tempo em que permite ao viandante proteger-se dos caprichos do ar livre. O alargamento das portas e janelas, o sistema, tão freqüentemente defendido, das aberturas opostas, alargamento de corredores,<sup>70</sup> a crítica contra as torres e contra as escadarias em caracol, consideradas como tubos de aspiração dos fedores, manifestam a acentuação das obsessões aeristas. Os arquitetos preferem os alçapões, respiradouros, postigos móveis. A necessidade de ventilação tende a relegar a um segundo plano a do aquecimento. Howard chega a condenar o vidro,<sup>71</sup> cujo uso entretantes se expande.

Essa obsessão leva ao combate do duplo perigo dos porões, subterrâneos ou câmaras escavadas, submetidas às emanações do solo e privadas da necessária circulação do ar. O antro aterrizador. É assim que se começa a pregar o abandono do térreo em favor do primeiro andar. Baumes estima que conviria forçar o povo a se instalar aí.<sup>72</sup> Tais convicções suscitam uma nova crítica das formas rurais de habitação. Os conselhos dos higienistas passam a ser ouvidos. A arquitetura o atesta. Em seu estudo consagrado à cidade de Caen, Jean-Claude Perrot nota o esboço de uma migração para os andares.<sup>73</sup> Os apartamentos recém-construídos são mais bem ventilados do que as antigas habitações. Claude-Nicolas Ledoux exalta os degraus, que permitem o acesso aos edifícios em elevação; símbolos de grandeza; também atestam a crença na virtude purificadora do ar.

No interior da casa, e pelas mesmas razões, reconsidera-se a disposição do mobiliário. O leito se torna objeto de uma atenção particular. Poder deslocá-lo, insiste Howard, constitui o primeiro dos imperativos. É importante que as camas estejam

frescas, limpas, afastadas umas das outras. Na sua opinião preciso colocá-las no meio da peça e isolá-las do contato com o solo. Para isto, Tenon propõe a cama de ferro — já que a madeira se impregna — com um fundo móvel atado ao estrado.<sup>74</sup> A maca gozará, por conseguinte, de grande moda nos estabelecimentos penitenciários, pois responde às necessidades de ventilação, ao mesmo tempo em que preserva o espaço de trabalho. Modelos estranhos são propostos: assim, as camas de ferro utilizadas no orfanato de Anvers são muito altas, e são colocadas no centro da sala.

Acrescenta-se a esse tema utilitarista a utopia. O desamontoamento, outro grande imperativo dos higienistas, poderia permitir o controle das emanções individuais, fim último do distanciamento dos corpos. Le Roy propõe que se instale uma evacuação particular para cada leito de hospital.<sup>75</sup> O doente banhado em sua atmosfera, estaria então protegido contra os odores do outro não por meio de uma barreira, mas pelo domínio dos fluxos. O arquiteto desenha então a antítese da cama fechada. Eis o mais revelador dos projetos no sentido da reviravolta que está se operando. É ele que, no século seguinte, inspirará o debate sobre a ventilação das celas dos prisioneiros.

Condições idênticas comandam, como se sabe, o urbanismo das Luzes, sobretudo no tocante à ordem dos projetos. A cidade saudável, difundida pelo abade Jacquin, em 1762, será construída em uma encosta; a ausência de muralhas altas permitirá ao vento "varrer vapores e exalações";<sup>76</sup> as profissões responsáveis pelos maus cheiros (curtidores, pisoeiros, tintureiros) serão rechaçadas para fora dos muros, bem como cemitérios, hospitais e açougues. As manufaturas serão instaladas nos arrabaldes; ruas largas e vastas praças semeadas de fontes de água facilitarão a circulação do ar. Pelas mesmas razões, Gerard apela para a "derrubada dos muros de nossas cidades". É preciso elevar as ruas, escreve Baumes; para tanto, poderiam ser utilizadas as ruínas e os materiais de casas inabitadas.<sup>78</sup> O hospital modelo, que suscita inúmeros projetos, desenha-se como um pavilhão, como uma "ilha no ar".<sup>79</sup> A cidade ideal de Clau-

de-Nicolas Ledoux, bem analisada por Mona Ozouf, marca a influência da corrente aerista com um talento excepcional.<sup>80</sup> Casas e edifícios públicos de Chaux são "independentes de qualquer aderência". Evidência funcional, insalubridade dos edifícios e simetria — a qual também responde, ao menos parcialmente, a um imperativo higienista — asseguram, além da salubridade, a legibilidade imediata da cidade e o agrado visual do espectador.

A declaração de 10 de abril de 1783 manifesta o desejo de realizações concretas. A luta, neste aspecto, é travada sobretudo contra o ar ruim. São estabelecidas normas para que a circulação do fluido não seja bloqueada; concernem notadamente à largura das ruas e à altura das casas. É difícil medir o grau de sua aplicação. Maurice Garden, no entanto, constata que, no mesmo período, as vias de circulação da cidade de Lyon são alargadas.<sup>81</sup>

## DESAMONTOAR. DESINFETAR

Desamontoar as pessoas e proceder a um novo recorte no espaço dos equipamentos urbanos surge como o recurso para completar o trabalho da ventilação, para dominar o fluxo das exalações e para impedir o efeito morbífico das emanções sociais.<sup>82</sup> O amontoamento dos corpos, desafio permanente ao equilíbrio natural, impõe um policiamento sanitário capaz de estabelecer normas reguladoras. Essa atenção voltada para o problema das distribuições<sup>83</sup> confere um papel essencial à olfação.

A espacialidade dos corpos será definida pela medida das exalações. As intolerâncias sensoriais que nós relevamos irão reger os espaçamentos necessários. Inversamente, esse distanciamento conduzirá, ao longo de décadas, a uma atribuição de lugares, a qual acarretará a progressiva destruição da confusão olfativa que freqüentemente reinava tanto no espaço privado quanto no público. A privatização do dejetos tenderá a conter os

odores excrementícios em locais confinados. Colocada de lado a qualquer noção de intensidade, os odores da cozinha pouco pouco deixarão de se confundir com os do espaço íntimo, os do hospital deixarão de se confundir com os da prisão.

Meio século mais tarde, Villermé tirará todas as consequências sociais deste novo objetivo que ressalta, por enquanto ainda em confusão, os fabulosos perigos da promiscuidade pútrida e licenciosa.<sup>84</sup> A atração pela presença sensível, quente e confortante do outro será submetida abertamente a anátemas fulminantes. A crítica contra os aquecedores de prisão, feita por Howard, prefigura a crítica contra as casas operárias; será preciso voltarmos à questão.

Georger Vigarello<sup>85</sup> nos leva a crer que foi no seio do exército que se operou de início esse distanciamento dos corpos, por intermédio da pedagogia das posturas e da determinação de ordens coletivas. De qualquer modo, a batalha do desamontoamento foi travada em volta da cama individual e da tumba. Havia tempos que Jean-Louis Flandrin sublinhara a importância desse quadro.<sup>86</sup> A história da cama no século XVIII constitui somente uma etapa daquele longo processo de privatização do dormir, cujo ponto de partida é fixado por Philippe Perrot no final do século XVI, quando da volta da camisola de dormir.<sup>87</sup> Para certos indivíduos dotados de uma sensibilidade ainda minoritária, a promiscuidade e o calor do leito coletivo são percebidos através das exalações intoleráveis do outro. O leito individual implica, mais ou menos a longo termo, uma atenção exclusiva aos odores do eu; permite o devaneio narcísta prolongado; incita ao monólogo interior, impõe a moda do quarto personalizado. Os despertares do Marcel Proust-criança não poderiam ser concebidos sem esta revolução.

Todos os especialistas, de Robert Favre a Jacques Guillerme, de Michel Foucault a Bruno Fortier, reconheceram claramente o papel determinante do hospital na definição das novas normas. É nesse ponto e momento que a cama individual se torna território e se transmuta em unidade espacial. A importância do papel de Tenon<sup>88</sup> surge aqui com evidência. O teó-

rico dos hospitais justifica, pelo metabolismo, a necessidade da reforma. É preciso que se deixe cada doente operar livremente sua evolução térmica; é então importante evitar que o amontoamento num mesmo leito crie um calor médio, que se revelaria logo nocivo a cada um dos indivíduos aos quais uma tal promiscuidade estivesse imposta.

O hospital de Lyon é mais uma vez o modelo. Em 1780, quando do primeiro ministério de Necker, um novo regulamento do Hôtel-Dieu prescreve camas individuais. No dia 15 de novembro de 1793, uma decisão da Convenção impõe esse princípio, aplicação lógica da Declaração dos Direitos do Homem. O mesmo objetivo norteia a estratégia dos cuidados a domicílio que então se tenta promover; ela permite por um certo tempo a esperança de se ver desaparecer o hospital.<sup>89</sup>

Por volta da metade do século XVIII, emerge a reivindicação da tumba individual.<sup>90</sup> Que se reserve a cada morto uma fossa, e os cemitérios cheirarão menos. Aquilo que por enquanto era apenas um argumento de higiene logo se tornará imperativo de dignidade e de piedade. A idéia será dominante desde o início do século seguinte, portanto mais rapidamente do que o princípio da cama individual. Inspirando-se na teoria de Maret segundo a qual raios morbíficos são irradiados dos cadáveres, Vicq d'Azyr<sup>91</sup> solicita que os corpos estejam separados por não menos quatro pés de distância, para que os raios emanados não se misturem.

O desejo de desamontoar os cadáveres, de início acantonado à ordem dos discursos, será traduzido em fatos antes mesmo da Revolução. A esse respeito é exemplar a grande mudança dos mortos empilhados no cemitério dos Inocentes, verdadeira epopéia da qual Thouret se tornou o chantre fascinado.<sup>92</sup>

Já que o ar puro constitui o melhor dos anti-sépticos, já que as emanções que se elevam dos corpos e do lixo encarnam a ameaça pútrida, ventilar, drenar a imundície, desamontoar os indivíduos já é desinfetar. Palavra tão ambígua quanto infecção, que significa ao mesmo tempo a natureza morbífica e o fedor do ar viciado, o primado de um modo de contaminação e a

ruptura do equilíbrio orgânico. Entretanto, outras práticas também tiveram por finalidade destruir os miasmas e restituir as qualidades primeiras de uma atmosfera contaminada. Essa desinfecção tem sua história, que não poderia ser reduzida à história do arômata.

No final do século XVIII, antes que se imponham as descobertas de Lavoisier, os químicos procuram febrilmente o antimefítico que se revelará capaz de vencer ao mesmo tempo o mau cheiro, o poder asfixiante e o risco mórbido.<sup>93</sup> Essa busca acelera a promoção do desinfetante/desodorizante químico. O essencial dos textos e dos debates que ela suscita gravita em torno das ameaças excrementícia e cadaverosa.

As vésperas da descoberta dos mecanismos da combustão permanece ainda intacta a confiança no poder desinfetante do fogo. Jean-Noël Biraben até mostra o quanto cresceu, a partir do século XIV, o domínio dessa antiga convicção hipocrática. Em 1348, queima-se todo um bairro de Bordeaux para purificação; no século seguinte, as autoridades municipais decidem incendiar, com a mesma finalidade, várias casas da cidade de Troyes.<sup>94</sup> As grandes fogueiras acesas em Paris durante o inverno de 1709 para aquecer os pobres sem dúvida rechaçaram o escorbuto, ou ao menos é o que se diz. Por essa razão Navier recomenda, em 1775, a multiplicação de fogueiras na capital.<sup>95</sup> No dia 2 de agosto de 1720, quando da grande peste, a conselho dos Sicard, pai e filho, a municipalidade de Marselha decreta que se queimem, durante três dias, as muralhas, as praças e as ruas; "gigantesco auto-de-fé médico"<sup>96</sup> que leva a cidade a uma penúria de lenha. O costume exigia que se queimassem, após a epidemia, as cabanas, as barracas e as tendas que tinham servido de refúgio aos doentes expulsos. Sabe-se que até sob a Revolução, persiste a prática de incendiar os navios contaminados.

Depois de Lancisi, todos os especialistas dos pântanos aconselham que se multipliquem aí as fogueiras, principalmente quando os operários estão procedendo à drenagem ou à extração da vasa. Navier pede que se acenda fogo quando se de-

cide pela exumação de um cadáver. O próprio Lavoisier recomenda, em 1780, esse procedimento, segundo ele apto a purificar o ar das prisões.<sup>97</sup> Duhamel du Monceau prevê que se desinfetem as roupas velhas dos marinheiros em estufas.<sup>98</sup> Em 1788, Thouret prega a fabricação da poudrette, excremento em pó, por dessecação.<sup>99</sup>

Os sábios não atribuem à água o mesmo poder desinfetante, pois é mais difícil impedir sua estagnação; além do mais, a umidade revela-se mais perigosa do que o ressecamento.<sup>100</sup> É certo que Lavoisier recomenda lavar as prisões, mas que seja com precaução. No entanto, como consequência de seus trabalhos, desenvolve-se a confiança na água de cal, primeiro entre os desinfetantes químicos, cujo poder desodorizante é apreçoado tanto por Baumes quanto por Howard. A combustão da cal desinfeta o espaço. Banau e Turben propõem a multiplicação dos fornos nas regiões pantanosas.<sup>101</sup> A mistura composta por Marcotel para lavar as paredes das casas e neutralizar sua putridéz fez maravilhas nas latrinas de Narbonne. Howard asperge as paredes de seu quarto com cal.<sup>102</sup> Ele reserva um lugar de prestígio para esse produto dentro da estratégia de desinfecção que propõe.<sup>103</sup>

Laborie e Parmentier constatarem que a cal desodoriza os resíduos acumulados nas fossas sépticas.<sup>104</sup> Segundo M. d'Am-bournéy, secretário da Academia de Rouen, fazer infusão do produto em matéria líquida quadruplica seu valor de mistura; acrescenta que, "por essa mescla de cal, o odor das matérias se dissipa absolutamente, e o que resta é um odor próximo ao do mel".<sup>105</sup> A cal desodoriza também os cadáveres; ela acelera a putrefação das matérias animais e se combina com o "ar principal" que se desprende dos corpos. Ela dissolve os miasmas, impedindo-os de se elevarem na atmosfera, ela "acorrenta as emanações funestas".<sup>106</sup> Sua ação continua até que o cadáver esteja dêstruído. Em 1783, por ocasião de uma exumação efetuada em Dunkerque, o uso do leite de cal suspendeu temporariamente as emanações.<sup>107</sup>

Mas voltemos ao que é essencial. No começo do ano de

1773, decide-se evacuar os corpos sepultados nos subterrâneos da igreja de Saint-Etienne de Dijon. O fedor é tal que a deteção de nitro, fumigações, braseiros aromáticos e a aspersão do piso com vinagre dos quatro ladrões não bastaram para destruí-lo. As casas vizinhas foram infectadas, as febres rondam. Consulta-se Guyton de Morveau. No dia 6 de março à noite, ele prepara uma mistura de seis libras de sal e dois litros de ácido sulfúrico concentrado e depois procede a uma fumigação de ácido muriático. O sucesso é total: "No dia seguinte, ao se abrir tudo para fazer entrar ar, não havia mais vestígio de mau cheiro".<sup>108</sup> Quatro dias mais tarde, regulamentam-se os ofícios. Guyton acabou de descobrir um "novο meio de purificar absolutamente, e em muito pouco tempo, uma massa de ar infectado". Estava inaugurada a revolução olfativa.

No final do ano, a febre das prisões faz 31 mortos na interior da penitenciária da cidade. Guyton procede a suas fumigações. No dia seguinte, se acreditarmos nele, "todo o odor pútrido havia desaparecido, tanto que um aluno de cirurgia ofereceu-se para colocar aí uma cama e passar a noite". A partir do ano seguinte, Vicq d'Azyr aconselha o emprego do ácido muriático para desinfetar os estábulos do Midi (sul da França), assolado pelas epizootias.<sup>109</sup> Entretanto, as fumigações guytonianas serão muito pouco utilizadas antes do Consulado.

Considerado como materialização do miasma, o cheiro se identificava até então à ameaça morbífica. Mesmo permanecendo persuadido do fato de que ele manifesta essa "espécie de potência assimiladora" que "constitui" os compostos de uma substância pútrida em germes nocivos, Guyton vê nele a propriedade de um corpo cuja destruição por transmutação química precisa ser acompanhada. A desodorização completará o sucesso, isto é, completará o surgimento de um corpo novo.

Não se trata mais de mascarar, mas de destruir o odor nauseabundo; "a diferença é grande aos olhos do químico, que vê no odor mascarado apenas o produto confuso de uma mistura cujas partes tendem continuamente a se desagregar; ao invés disso, a destruição do odor é o resultado de uma combinação

através da qual o corpo odorante ou é decomposto ou encadeado numa base que muda suas propriedades".<sup>110</sup> As descobertas de Lavoisier permitirão a Guyton refinar ulteriormente sua teoria; de um modo geral, ele pregará o uso de todos os oxigenantes que apressem a combustão de substâncias pútridas e miasmáticas.

Sem que tivesse havido, ao que parece, conhecimento dos resultados obtidos pelo químico francês, o dr. James Carmichael-Smith chega, em 1780, a resultados quase idênticos graças às fumigações de ácido nítrico. Seu método, utilizado em 1795 a bordo do Pimen e do Revel, navios da esquadra russa devastada pela epidemia, permite também "a destruição dos maus cheiros e a melhora do ar".<sup>111</sup> No ano seguinte, Carmichael-Smith desodoriza, com sucesso, o hospital militar de Forton.

#### OS LABORATÓRIOS DAS NOVAS ESTRATÉGIAS

Os locais de amontoamento de pessoas atraem a atenção dos higienistas; eles impõem a urgência de uma ação global de regulação. Elabora-se aqui uma estratégia de desodorização dos corpos e do espaço que, meio século mais tarde, será transposta à casa do camponês e à moradia do operário. A tenda do soldado, o navio, o hospital e a prisão tornaram-se os laboratórios onde se experiencia a futura desodorização do espaço privado.

Ao lado do grande papel desempenhado pelos hospitais militares nesse processo, é no seio dos exércitos, ao que parece, que timidamente são elaboradas as primeiras normas de higiene corporal, notadamente sob a influência de Pringle. Com a finalidade de acabar com as emanações nauseabundas, Colombier pede, em 1779,<sup>112</sup> que o soldado mude de roupa ao menos uma vez por semana e, ao menos duas vezes, que mude as meias. Convém no entanto evitar exagerar a importância desse esforço disciplinar. As ordens, livros de ordem, textos regulamentares etc. são, nesse ponto, de uma extrema discrição, o que traduz

2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37  
38  
39  
40  
41  
42  
43  
44  
45  
46  
47  
48  
49  
50  
51  
52  
53  
54  
55  
56  
57  
58  
59  
60  
61  
62  
63  
64  
65  
66  
67  
68  
69  
70  
71  
72  
73  
74  
75  
76  
77  
78  
79  
80  
81  
82  
83  
84  
85  
86  
87  
88  
89  
90  
91  
92  
93  
94  
95  
96  
97  
98  
99  
100  
101  
102  
103  
104  
105  
106  
107  
108  
109  
110  
111  
112  
113  
114  
115  
116  
117  
118  
119  
120  
121  
122  
123  
124  
125  
126  
127  
128  
129  
130  
131  
132  
133  
134  
135  
136  
137  
138  
139  
140  
141  
142  
143  
144  
145  
146  
147  
148  
149  
150  
151  
152  
153  
154  
155  
156  
157  
158  
159  
160  
161  
162  
163  
164  
165  
166  
167  
168  
169  
170  
171  
172  
173  
174  
175  
176  
177  
178  
179  
180  
181  
182  
183  
184  
185  
186  
187  
188  
189  
190  
191  
192  
193  
194  
195  
196  
197  
198  
199  
200  
201  
202  
203  
204  
205  
206  
207  
208  
209  
210  
211  
212  
213  
214  
215  
216  
217  
218  
219  
220  
221  
222  
223  
224  
225  
226  
227  
228  
229  
230  
231  
232  
233  
234  
235  
236  
237  
238  
239  
240  
241  
242  
243  
244  
245  
246  
247  
248  
249  
250  
251  
252  
253  
254  
255  
256  
257  
258  
259  
260  
261  
262  
263  
264  
265  
266  
267  
268  
269  
270  
271  
272  
273  
274  
275  
276  
277  
278  
279  
280  
281  
282  
283  
284  
285  
286  
287  
288  
289  
290  
291  
292  
293  
294  
295  
296  
297  
298  
299  
300  
301  
302  
303  
304  
305  
306  
307  
308  
309  
310  
311  
312  
313  
314  
315  
316  
317  
318  
319  
320  
321  
322  
323  
324  
325  
326  
327  
328  
329  
330  
331  
332  
333  
334  
335  
336  
337  
338  
339  
340  
341  
342  
343  
344  
345  
346  
347  
348  
349  
350  
351  
352  
353  
354  
355  
356  
357  
358  
359  
360  
361  
362  
363  
364  
365  
366  
367  
368  
369  
370  
371  
372  
373  
374  
375  
376  
377  
378  
379  
380  
381  
382  
383  
384  
385  
386  
387  
388  
389  
390  
391  
392  
393  
394  
395  
396  
397  
398  
399  
400  
401  
402  
403  
404  
405  
406  
407  
408  
409  
410  
411  
412  
413  
414  
415  
416  
417  
418  
419  
420  
421  
422  
423  
424  
425  
426  
427  
428  
429  
430  
431  
432  
433  
434  
435  
436  
437  
438  
439  
440  
441  
442  
443  
444  
445  
446  
447  
448  
449  
450  
451  
452  
453  
454  
455  
456  
457  
458  
459  
460  
461  
462  
463  
464  
465  
466  
467  
468  
469  
470  
471  
472  
473  
474  
475  
476  
477  
478  
479  
480  
481  
482  
483  
484  
485  
486  
487  
488  
489  
490  
491  
492  
493  
494  
495  
496  
497  
498  
499  
500  
501  
502  
503  
504  
505  
506  
507  
508  
509  
510  
511  
512  
513  
514  
515  
516  
517  
518  
519  
520  
521  
522  
523  
524  
525  
526  
527  
528  
529  
530  
531  
532  
533  
534  
535  
536  
537  
538  
539  
540  
541  
542  
543  
544  
545  
546  
547  
548  
549  
550  
551  
552  
553  
554  
555  
556  
557  
558  
559  
560  
561  
562  
563  
564  
565  
566  
567  
568  
569  
570  
571  
572  
573  
574  
575  
576  
577  
578  
579  
580  
581  
582  
583  
584  
585  
586  
587  
588  
589  
590  
591  
592  
593  
594  
595  
596  
597  
598  
599  
600  
601  
602  
603  
604  
605  
606  
607  
608  
609  
610  
611  
612  
613  
614  
615  
616  
617  
618  
619  
620  
621  
622  
623  
624  
625  
626  
627  
628  
629  
630  
631  
632  
633  
634  
635  
636  
637  
638  
639  
640  
641  
642  
643  
644  
645  
646  
647  
648  
649  
650  
651  
652  
653  
654  
655  
656  
657  
658  
659  
660  
661  
662  
663  
664  
665  
666  
667  
668  
669  
670  
671  
672  
673  
674  
675  
676  
677  
678  
679  
680  
681  
682  
683  
684  
685  
686  
687  
688  
689  
690  
691  
692  
693  
694  
695  
696  
697  
698  
699  
700  
701  
702  
703  
704  
705  
706  
707  
708  
709  
710  
711  
712  
713  
714  
715  
716  
717  
718  
719  
720  
721  
722  
723  
724  
725  
726  
727  
728  
729  
730  
731  
732  
733  
734  
735  
736  
737  
738  
739  
740  
741  
742  
743  
744  
745  
746  
747  
748  
749  
750  
751  
752  
753  
754  
755  
756  
757  
758  
759  
760  
761  
762  
763  
764  
765  
766  
767  
768  
769  
770  
771  
772  
773  
774  
775  
776  
777  
778  
779  
780  
781  
782  
783  
784  
785  
786  
787  
788  
789  
790  
791  
792  
793  
794  
795  
796  
797  
798  
799  
800  
801  
802  
803  
804  
805  
806  
807  
808  
809  
810  
811  
812  
813  
814  
815  
816  
817  
818  
819  
820  
821  
822  
823  
824  
825  
826  
827  
828  
829  
830  
831  
832  
833  
834  
835  
836  
837  
838  
839  
840  
841  
842  
843  
844  
845  
846  
847  
848  
849  
850  
851  
852  
853  
854  
855  
856  
857  
858  
859  
860  
861  
862  
863  
864  
865  
866  
867  
868  
869  
870  
871  
872  
873  
874  
875  
876  
877  
878  
879  
880  
881  
882  
883  
884  
885  
886  
887  
888  
889  
890  
891  
892  
893  
894  
895  
896  
897  
898  
899  
900  
901  
902  
903  
904  
905  
906  
907  
908  
909  
910  
911  
912  
913  
914  
915  
916  
917  
918  
919  
920  
921  
922  
923  
924  
925  
926  
927  
928  
929  
930  
931  
932  
933  
934  
935  
936  
937  
938  
939  
940  
941  
942  
943  
944  
945  
946  
947  
948  
949  
950  
951  
952  
953  
954  
955  
956  
957  
958  
959  
960  
961  
962  
963  
964  
965  
966  
967  
968  
969  
970  
971  
972  
973  
974  
975  
976  
977  
978  
979  
980  
981  
982  
983  
984  
985  
986  
987  
988  
989  
990  
991  
992  
993  
994  
995  
996  
997  
998  
999  
1000

a parcimônia das práticas. Os desertores que tentam justificar seu ato não se referem nem às más condições de higiene do acantamento nem à recusa de disciplinas mal toleradas; silêncio que faz supor ao mesmo tempo a negligência dos quadros e a desenvoltura dos soldados. <sup>113</sup>

Levando-se em conta a urgência, o navio precisa, aos olhos dos médicos, mutar-se num modelo de higiene. Desde 1785 Lind aplica-se a codificar sua salubridade. <sup>114</sup> Na França, o visconde de Morogues define com a mais alta precisão essa higiene marítima. Aconselha que se hombeie freqüentemente a água da sentina para atenuar seu mau cheiro. Proíbe refeições na entreponte; ordena que se cerceiem sem trégua as imundícies. Os membros da tripulação deverão lavar-se e pentear-se; o capitão ordenará com freqüência a "arrumação, para fazer as roupas dos marinheiros tomar ar". <sup>115</sup>

O navio de Cook impõe-se como a suprema referência: é que seu capitão soube com perfeição "destruir durante a travessia todos os germes pestilenciais inerentes tanto à tripulação quanto aos objetos". <sup>116</sup> Cook inspeciona constantemente a limpeza; manda colocar leitos e cobertas no convés toda vez que o tempo ficava bom; cuida para que cada fardo seja aberto e todo o seu conteúdo exposto ao ar para que seja efetuada a evaporação dos miasmas durante o trajeto. Inspetiona as provisões para precaver-se contra germes pútridos. Ordena que se ventilem as velas de reserva e quaisquer tecidos passíveis de se impregnarem. Os víveres são colocados no fundo do porão; "durante a viagem, as escotilhas são solidamente calafetadas e cada fenda hermeticamente fechada com piche". <sup>117</sup> Uma separação estrita é feita entre as emanções da carga e as da tripulação. O navio de Cook, antítese do navio-fantasma assolado pela pestilência que subira do fundo do porão, configura-se, em miniatura, como a primeira das cidades higiênicas. Aqui, as pessoas estão preservadas contra as efusões miásmáticas; o ar e o fogo desarmam toda a ameaça aquática.

Em terra, é ao hospital, e primeiramente ao hospital mili-

tar, que cabe essa função de modelo. Michel Foucault e François Béguin mostraram muito bem como ele tende então a se transformar numa máquina de distribuir ar e de expulsar miasmas. Desde 1767, Boissieu enuncia com clareza a nova estratégia: os feridos, amontoados nos hospitais, morrem por causa da putreidez do ar; "para diminuir a quantidade de exalações, é preciso não encher os quartos e salas de hospitais; afastar deles, com todo o cuidado, tudo aquilo que puder infectar e dar atenção à mais estrita limpeza. É renovando o ar que se rechaçarão as exalações perniciosas. (...) Os domos, a abertura dos tetos, dando para o andar superior, o fogo nas chaminés e não mais nos aquecedores, a máquina de Sutton e os ventiladores de Hales" <sup>118</sup> darão uma saída para o ar. A fim de facilitar o afluxo daqueles que se acham no exterior, portas e janelas serão abertas, serão espalhadas ventoinhas, serão instaladas tubulações junto a cada leito. Enfim, se procederá às fumigações. <sup>119</sup>

Vinte anos mais tarde, a estratégia definida por Jean-Noël Hallé visa primeiramente à desodorização. Após ter reiterado os conselhos formulados por Boissieu, o pai da higiene pública apregoa uma luta sistemática contra os fedores. "Os doentes não conservarão suas roupas; as cortinas de leito serão em tela, as cadeiras serão bem asseadas e fechadas, as latrinas estarão dispostas de maneira a não provocarem nenhum cheiro, tudo será varrido com freqüência, principalmente após refeições e curativos, a água será utilizada com circunspecção e a areia será empregada, de preferência, para limpar o assoalho." <sup>120</sup>

Numerosos projetos inspiram-se nessas concepções, principalmente quando, em 1787, a Academia de Ciências convoca os arquitetos. <sup>121</sup> Pretende-se "formar, inteiramente fabricada, uma estrutura de ventilação". <sup>122</sup> O esquema radial se impõe nas pranchas. Várias realizações traduzem os novos imperativos; principalmente na Inglaterra o hospital militar de Plymouth e o dos Inválidos em Greenwich. <sup>123</sup> Ventiladores, embutidos nos tetos do hospital de Guy em Southwark, comunicam-se com o núcleo de chaminés do andar superior; nesse estabelecimento,

os gabinetes de toaile não exalam nenhum odor, pois a porta injeta água neles ao se abrir.<sup>124</sup> Na França, os hospitais militares, a sala de Saint-Landry (1748), o hospital de Lyon, o hospital Saint Louis, servem como referências aos reformadores. Em 1786, C. F. Viel manda instalar aquedutos e baterias de latrinas no hospital da Salpêtrière;<sup>125</sup> ele já construíra (1784-1786), em Bicêtre, o grande esgoto que se depura, e mal, num dispositivo produtor de esterco composto.

Obter desodorização do doente implica um controle somático e, antes de tudo, a vigilância dos excrementos. A ventilação não poderia bastar. Impõe-se uma modificação nos comportamentos individuais. Por esse atalho, o hospital tende a se tornar um lugar disciplinar. Os regulamentos se enrijecem. O regulamento do hospital de Haslar, perto de Gosport, proíbe que se use roupa suja; prevê a troca da camisola dos doentes a cada quatro dias e a troca de lençóis a cada quinze dias; as toucas, as ceroulas e as meias devem ser trocadas uma vez por semana. Os homens devem ser barbeados a cada três dias. Os doentes serão proibidos de se deitar vestidos, de utilizar suas roupas velhas como cobertas, "de guardar pão, manteiga ou qualquer outra provisão na cabeceira da cama ou em volta do leito".<sup>126</sup> "Não se poderá aliviar-se das necessidades naturais senão nos locais destinados a este uso."<sup>127</sup> Não serão tolerados "clamores nem tumultos"; fumar é proibido, assim como jogar; constitui obrigação assistir ao serviço divino. "Ninguém poderá se tornar culpado de expressões blasfematórias, impropérios proibidos, maldições, bebedeira, sujeira, mentira."<sup>128</sup> No hospital geral de Chester, "todo doente, ao entrar, será instado a tirar suas roupas para receber roupas limpas".<sup>129</sup>

Visa-se a uniformidade, a destruição de hábitos seculares, a proibição de comportamentos espontâneos, daí por diante considerados como anárquicos e perigosos. O hospital se torna, por meio desses exemplos premonitórios, o local de aprendizagem de uma higiene individual que nem se sonha pregar e difundir no espaço privado popular. No Hôtel-Dieu de Paris, Tenon pretende obter a instalação de "comodidades com vasos". Os doen-

hospitalizados seriam os únicos, juntamente com alguns privilegiados, a gozar dessa nova maquinaria do conforto.

Projetos idênticos obcecaram os reformadores da prisão, mas sua reflexão se choca contra um dilema. Como assegurar a circulação da água, do ar e das imundícies onde se deve restringir a circulação dos homens? Como desativar os perigos da estagnação e da fixidez assegurando o necessário aprisionamento? Como conciliar o jogo das correntes de ar e a separação das categorias de detentos? A ventilação demanda multiplicação e alargamento das aberturas, enquanto o cárcere impõe o fechamento intransponível. Para resolver o dilema, Howard aconselha que se substitua a porta pela grade, a parede em placa pelo engradeamento. O ventilador a vela ou, ainda melhor, o fole manual poderão, além do mais, como o *tread-mill*, conciliar o imperativo da aeração e a necessidade de exercício.

No interior da prisão, a gestão do excremento se revela difícil. É preciso desembaraçar o indivíduo sem comprometer o fechamento. À espera de que os sábios do século seguinte venham a encontrar uma solução higiênica a esse problema em particular,<sup>130</sup> Lavoisier projeta, desde 1780, desodorizar a merda das prisões. Para tanto, propõe cavar, em volta do estabelecimento, um canal no qual viriam desaguar os canos de descarga das latrinas. Uma possante corrente de água controlada por uma válvula aberta a cada dois ou três dias empurraria as matérias para fora desse canal; tubos de respiração, terminados no teto por uma boca-de-lobo, impediriam a expansão dos odores nauseabundos no interior dos edifícios.<sup>131</sup>

A autoridade de que gozam os carcereiros permite aqui um controle dos comportamentos mais severo dos que nos hospitais. A prisão, assim como o convento, mas por outras razões, tende a se tornar o lugar privilegiado da aprendizagem das práticas higiênicas. O valor propedêutico da limpeza corporal acrescenta-se ao valor que os teóricos atribuem ao trabalho. "Gostaria, escreve Howard a propósito de prisioneiros amontoados num dos navios-prisão ancorados perto de Portsmouth, que durante o dia de sábado eles fossem obrigados a limpar, lavar roupa,

costurar suas vestes, barbear-se, a tornarem-se a si mesmos limpos, a limpar o navio, a bater e arejar suas roupas de cama. Muito importante acostumá-los desse modo à limpeza." <sup>132</sup> Muitos oficiais observam que "os homens mais limpos são sempre aqueles que se conduzem com maior honestidade e decência, que os mais negligentes são ao mesmo tempo os mais dados ao vício e ao desregramento".

O imperativo do "limpo em ordem", <sup>133</sup> a aprendizagem da limpeza revelam seus objetivos múltiplos. O objetivo moralizador e a necessária compressão dos instintos insinuam-se onde até então, se tratava de desinfecção. O mau cheiro do pecador é tomado ao pé da letra. Saber lavar seu corpo torna mais rápida a recuperação do culpado. O criminoso arrependido, prestes a receber o novo batismo social, deverá provar seu renascimento pela perda do odor pútrido que até então o ligava a suas comparsas.

Quanto a este ponto, as prisões da Holanda são os modelos. Aqui, cada um tem o seu quarto, sua armação de cama, seu estrado. A leitura dos regulamentos das prisões inglesas confirma também a insistência dessas preocupações. O artigo VII do regulamento da prisão de Lancaster está redigido da seguinte forma: "O carcereiro fornecerá carvão, sabão, vinagre, cobertores, palha, esfregões, areia, escovas, vassouras, baldes, vasos, toalhas de mão, cestas de carvão, para uso dos prisioneiros de maneira que eles próprios e todas as partes da prisão sejam mantidos num estado de limpeza e de salubridade". <sup>134</sup> Ao chegar, o futuro prisioneiro-faxineiro será despojado de suas roupas, lavado e vestido com o uniforme. Para lutar contra as febres das prisões, deve-se, antes de mais nada, desodorizá-las. Artigo XII: "O carcereiro atentará especialmente para que um ou vários prisioneiros varram alternadamente todos os quartos diurnos, dormitórios e celas, todos os dias antes da refeição e que os lavem terças, quintas e sábados". Está fixado o calendário da faxina. Serão privados de ração (artigo XIII): "aqueles que não tenham lavado seus rostos e suas mãos e cujo exterior não anuncie limpeza". Uma porção suplementar e seletiva será

distribuída aos domingos aos prisioneiros mais bem cuidados, com a finalidade de "encorajar ao trabalho, à limpeza, à boa ordem, à assiduidade ao serviço divino". Há também no continente algumas prisões bem limpas, como a de Breslau, por exemplo, ou ainda a do Capitólio, em Roma.

Partidário do leito individual, Lavoisier <sup>135</sup> prevê também que se mandem banhar os prisioneiros, e que se os banhem à sua entrada no estabelecimento. Uma inovação que marcará época na história da aeração... ele recomenda que se instalem em cada cela duas aberturas, uma situada no alto da divisória e pela qual o ar mefitizado será evacuado, tornado mais leve, e a outra escavada ao nível da porta e que permitirá a renovação da atmosfera.

Seria interessante comparar esses modelos higienistas destinados aos doentes e aos prisioneiros àquele que Vicq d'Azyr tenta impor aos criadores de animais; o estábulo salubre e desodorizado e o gado saudável, limpo e ordenado participam dessa mesma ambição de se reger os comportamentos preservando-se a saúde coletiva.

## OS ODORES E A FISIOLOGIA DA ORDEM SOCIAL

### A BREVE IDADE DO OURO DA OSMOLOGIA E AS CONSEQUÊNCIAS DA REVOLUÇÃO DE LAVOISIER

No final do século XVIII, o projeto outrora formulado por Ramazzini de constituir uma história natural dos odores deixa de desempenhar o papel de sonho impossível. Desde a queda da realeza, a filosofia sensualista dispõe de um monopólio oficial. No seio do reorganizado Instituto, os filósofos formam, até 1803, a seção "Análise das sensações e das idéias". Constituir um saber psfresiológico implica entretanto a elaboração de um vocabulário científico. Na própria perspectiva de Condillac, criar uma linguagem capaz de traduzir as percepções da olfação já significa tentar retirar o olfato da animalidade na qual parecia marginalizado. Além disso, como conseguir um dia disciplinar o emaranhado inquietante das sensações olfativas sem que uma linguagem permita constituir-las em sistema? <sup>1</sup>

Multiplicam-se então as tentativas de definição e de classificação. Empresa nova, mas fastidiosa, moldada com subjetividade e que afinal deixa muito a desejar aos olhos do sábio. Sucessivamente, Lineu, Haller, Lorry e Virey propõem suas listas de categorias aromáticas, mas nenhuma se revela exaustiva. Manifesta-se logo o fato de que as sensações do olfato recusam-se a deixar-se aprisionar nas malhas da linguagem científica.

Os sábios ao menos adquiriram uma certeza: a crença no aroma repousa em um erro de análise. Já os trabalhos de Rommeu (1756) e, em seguida, de Prévost (1797), consagrados aos movimentos giratórios dos fragmentos odorantes, haviam causado um severo abalo no dogma antigo. Em 1798, Fourcroy afirma que qualquer espécie de odor é "unicamente produzida pela simples dissolução do corpo odorante no ar ou num líquido". <sup>2</sup> Berthollet virá trazer a prova definitiva disso. Admite-se, desde logo, que cada substância tem o seu odor particular, "relativo à sua volatilidade e à sua solubilidade". A antiga afirmação de Teofrasto transmuta-se em convicção científica. <sup>3</sup>

A vitória da teoria de Fourcroy vem complicar os efeitos psicológicos das descobertas de Lavoisier. A compreensão dos fenômenos respiratórios, assimilados aos da combustão, tende a reforçar o terror da asfixia, cujo mecanismo já é doravante conhecido. No entanto, a derrota do espírito diretor reanima o medo da infecção e justifica a vigilância olfativa. O que seria mais semelhante ao miasma do que o corpúsculo odorante?

Durante um quarto de século, ninguém põe em questão as teorias de Fourcroy e Berthollet. Hippolyte Cloquet alia-se a elas. Em 1821, Robiquet coloca o problema de uma maneira nova: para se propagarem, os corpúsculos odorantes devem, segundo ele, entrar em uma combinação gasosa. Para tanto, têm necessidade de um veículo, de um "intermédio". Este poderia ser o enxofre ou, com maior probabilidade, o amoníaco. A valorização do papel deste gás, admitida por Parent-Duchâtelet, e este é somente um exemplo, reaviva a ansiedade suscitada pelos odores excrementícios.

Assim, a partir dos trabalhos de Lineu, elaboram-se uma osmologia científica, com dificuldade. Virey traça, desde 1812, um balanço provisório dela e confronta as recentes descobertas com os dados da ciência antiga. No mesmo ano, o sábio britânico Prout mostra que é mesmo o olfato que permite analisar os sabores. Coisa que Chevreul, no continente, irá confirmar. Em 1821, por fim, Cloquet publica a sua impressionante *Osfresio-*

logia ou *Tratado dos Odores*, que permanecerá como obra de referência até a metade do século XX. Enorme compilação gigantesco trabalho, algo monstruoso, vítima de uma pilhagem interminável, em meio a que se mesclam as descobertas científicas, as intuições premonitórias e o mais inacreditável diz-que-diz-que. De qualquer modo, verdadeira sorte para todos os autores de dicionários e de manuais, que poderão doravante contentar-se em recopiar, principalmente no que concerne à higiene do olfato.

Quando surge o livro de Cloquet, uma grave ameaça pesa sobre este sensualismo, cujo triunfo sustenta o interesse atribuído à osfresilogia. Evidentemente, a revolução de Lavoisier privilegia a análise psicoquímica, às expensas da impressão sensorial. Os sábios desenvolvem suas buscas numa dupla direção. Uns acuam o miasma inapreensível através de seus instrumentos, rebuscam a gama inquietante de imundícies estabelecida no século precedente, cujos malefícios continuam a assombrar os espíritos. Berthollet analisa os gases da putrefação. Os químicos erigem um inventário exato dos gases emanados pelas fossas sépticas. Boussingault e muitos outros tentam, com o auxílio de curiosos aparelhos, condensar as emanções dos pantanos e analisar a "fedorina" que colhem em imensas telas de tecido. Chaussier analisa os produtos da respiração do homem. Brachet, mais ambicioso, põe-se a detectar a composição química da sutil perspiração que define os odores individuais.

Outros sábios, munidos com seus eudiômetros, tentam refinar a análise do ar de diferentes locais públicos, outrora tentado pelo abade Fontana e por Priestley. Lavoisier foi o primeiro a obter resultados significativos. O ar "contido em recintos fechados onde permaneceu durante um tempo bem longo um grande número de homens" <sup>4</sup> revela um teor anormalmente forte de gás carbônico. Humboldt e Gay-Lussac detectam neles, em 1804, uma diminuição do oxigênio. Em contrapartida, após os repetidos fracassos de Magendie, os químicos, incapazes de localizar alguma diferença na composição da atmosfera dos

diversos bairros de Paris, abandonam a esperança de purificar o ar das cidades. Como observa Forget, "o triunfo dos agentes purificadores está (doravante) limitado aos espaços circunscritos". <sup>5</sup> O ajustamento de um novo método de análise por Dumas e Boussingault relança as pesquisas nos anos 1830. Esse método permitirá, notadamente a Leblanc e a Pécelet, definir normas de salubridade do espaço em função do teor em gás carbônico do ar.

Seria demasiado apressado falar em desqualificação do sensível. Com certeza, o tato, revelador do deslizamento, do escoamento do ar, acha-se menos solicitado a partir do momento em que se sabe que a agitação não é mais identificada à purificação. O próprio olfato tem seu papel recolocado em questão, pois os sábios garantem que o fedor não é o reflexo exato da viciosidade do ar. No entanto, é ele que na prática cotidiana continua a detectar a qualidade do fluido. Acima de tudo é necessário não esquecer a crença persistente na existência científica do miasma, "substância acrescentada ao ar", que conserva todo o seu mistério. O "perigoso (...) não é ensinado pela química. Mas nossos sentidos, mais delicados do que a química, demonstram, de um modo evidente, a presença de matérias pútridas deletérias no ar onde o homem permaneceu por longo tempo". <sup>6</sup> É preciso continuar a regrar sua conduta a partir da sensação e procurar renovar o ar "tanto quanto o olfato, que é aqui um excelente indicador, achar ainda algum odor no local onde ele existia em abundância". <sup>7</sup> O próprio Leblanc persiste em pensar que o miasma traduz sua presença com um "odor repulsivo". <sup>8</sup>

Uma leitura atenta dos textos consagrados à análise do ar viciado e ao estudo dos meios para medir sua restauração revela a decepção sofrida pelos sábios diante da imprecisão dos instrumentos e o despeitado decurso que fazem à experiência sensível. É o olfato que, no final das contas, conforme garante Grassi, <sup>9</sup> regula a ventilação nas baterias dos navios, assim como é ele que atesta a restauração do ar na cela do prisioneiro.

tritiva aos olhos de todos os leitores algo familiarizados com a literatura médica, ou antes, com a literatura edílica do moribundo Antigo Regime. O tom alarmista dos químicos do final do século XVIII desaparecera. Desta vez, o otimismo impera por algum tempo no discurso dos sábios. Apenas a presença de miasmas deletérios, atestada pela deterioração dos metais ou pelo depauperamento da vegetação, é que pode merecer a qualificação de insalubre. Sem dúvida, as oficinas dentro das quais "se amontoam e se deixam apodrecer ou putrefazer em grandes massas matérias animais ou vegetais constituem uma vizinhança nociva à saúde";<sup>4</sup> mas o essencial é a expansão manifesta da noção de incômodo, em detrimento da noção de insalubridade. A maioria dos vapores químicos, sob o pretexto de eles serem "desenvolvidos por meio do fogo" e de ser impossível condensá-los, não parece merecer a qualificação de insalubre. É necessário "declarar — lê-se no relatório de frimário ano XIII — que as fábricas de ácido, de sal amoníaco, de cianureto, de acetato de chumbo, de alvaiade, os açougues, engomadorias, curtumes, cervejarias e até a fabricação de ácido sulfúrico não constituem absolutamente uma vizinhança nociva à saúde, desde que se sejam bem conduzidos".

A própria noção de incomodidade parece muito limitada. Reduz-se a uma definição olfativa, o que não deve nos surpreender. O artigo 1.º do decreto de 15 de outubro de 1810 o atesta claramente: "A contar da publicação do presente decreto, as manufaturas e oficinas que desprendem um odor insalubre ou incômodo não poderão ser constituídas sem uma permissão da autoridade administrativa". As poucas referências ao ruído só figuram para atrair a tolerância da opinião pública. A própria fumaça quase não chama a atenção, por enquanto. A poeira ainda não entra no rol de preocupações. Com maior razão ainda, não se acha, nos textos citados, qualquer alusão ao espetáculo. Negligencia-se aquilo que pode chocar o olhar ou atenuar a luminosidade.

O industrial poderia então sentir-se quase que totalmente assegurado, a não ser diante dos proprietários, único freio eficaz

contra a expansão anárquica da indústria. O teste decisivo, a mensuração do prejuízo, é a queda do valor venal ou locativo da propriedade próxima ao estabelecimento. Este argumento é incessantemente reiterado. Em 9 de fevereiro de 1814, o ministro das Manufaturas verá, no decreto sanitário de 1810, uma simples medida de arbitragem entre o manufatureiro e o proprietário.<sup>5</sup> A saúde do operário mal entra em consideração; a saúde do vizinho continua sendo uma preocupação secundária.

O decreto de 15 de outubro de 1810 será completado por numerosíssimas medidas específicas. O conjunto desses textos, reunidos por Trébuchet desde 1832, forma um "programa claro e circunstanciado para cada gênero de indústrias, para cada posição de indivíduos".<sup>6</sup> A nova regulamentação divide os estabelecimentos em três classes<sup>7</sup> e prevê a generalização do sistema da autorização prévia; instaura um controle destinado a bloquear a proliferação anárquica das oficinas e, por conseguinte, a dos malefícios e prejuízos.

### O APRENDIZADO DA TOLERÂNCIA

Lá estavam os Conselhos de Salubridade para cuidar da execução da nova regulamentação. Entre 1822 e 1830, são criados conselhos nas principais cidades do reino. Neles acham-se lado a lado engenheiros, químicos e médicos. O comportamento desses *experts* está de acordo com os princípios que guiaram a elaboração dos textos. A atitude conciliatória dos membros dos conselhos prova que se deve evitar ver neles o instrumento de um poder decidido a exercer uma vigilância tateante. A missão dos Conselhos de Salubridade é, antes de mais nada, dar garantias, desativar a ansiedade suscitada pelos fedores, permitir uma vida tranqüila nos arredores da indústria. O otimismo que demonstram ter diante dos malefícios repousa em sua crença nos progressos da química. Ele contrasta com o medo que os invade diante do transbordamento excrementício. Inspirados no augustinismo, persuadidos da necessidade de se providenciar válvulas

de segurança, enfim de se suportar os males necessários, os higienistas dos conselhos trabalham em favor da tolerância. Já que a luz purifica, contentam-se em tirar a opacidade da clandestinidade. Esperam que a opinião se manifeste por queixas ou petições antes de intervir. Os higienistas especialistas, delegados pelas autoridades, desempenham muito mais o papel de árbitros do que o de inspetores.

É assim que se explica a lentidão da eliminação de odores industriais que empestam o espaço público. Fracasso esse que entra em contradição com a importância dada à olfação pelo legislador. Numerosíssimas infâmias prosperam no interior da capital, com o assentimento do Conselho de Salubridade. Na maioria das vezes, dizem os *experts*, os vapores químicos só são perigosos para os operários que os respiram de muito perto. Isto poderia bastar para que se sugerisse o fechamento dos estabelecimentos. A noção de insalubridade, mais uma vez, só se aplica à vizinhança. Quanto ao conceito de incomodidade, ele não implica a mão-de-obra, uma vez que o hábito do contato fez com que ela não mais se aperceba dos malefícios e dos dissabores. “É assim que — observam os químicos do Instituto — quando se entra nas fábricas de ácido sulfúrico, nítrico e muriático, simples e oxigenado, ressentimo-nos, de chofre, com o odor desses ácidos, enquanto os operários mal se apercebem dele, e só se sentem incomodados quando, por inadvertência, respiram-no demais em pouco tempo.” “Devemos observar — acrescentarão Monfalcon e Polinière em 1846 — que os operários freqüentemente se aclimatam às oficinas; poucos se queixam, poucos parecem perceber insalubridade no meio em que estão condenados a viver.”<sup>8</sup> Cabe à estatística medir os inconvenientes da indústria para com a saúde das populações laboriosas. O insensível operário não poderia avaliá-los.

Por intermédio de uma hábil propedêutica do progresso técnico, os *experts* dos Conselhos conseguem fazer com que se aceite a vizinhança da indústria. Neste aspecto, o processo revela-se quase sempre idêntico: às queixas iniciais suscitadas pelas inovações, segue-se uma atitude de resignação, uma acei-

ção tácita da nova proximidade. O carvão de terra, rejeitado no final do século XVIII, vituperado em 1839, volta a ser aclimatado e, com ele, deve ser também tolerada a máquina a vapor. O mesmo acontecerá com a “destilação dos ácidos” e, depois, com a produção e combustão do gás de iluminação. O comportamento de Parent-Duchâtelet constitui o exemplo extremo desta vontade de tolerância que irá garantir a longa permanência do fedor das cidades francesas, apesar da difusão das novas exigências sensoriais.

Mas a história da luta contra a insalubridade nauseabunda não se deixa ler apenas nos textos legislativos; ela se identifica com o triunfo da tolerância; constitui-se também de ambiciosos projetos e de difíceis batalhas, muitas vezes sórdidas, algumas vezes épicas.

Após a tarefa, de sucesso muito parcial, de limpeza de ruas realizada em Paris sob o Consulado e o Império, a Restauração aparece como o tempo das grandes ambições, senão como o das realizações concretas. Nunca as pretensões políticas dos higienistas terão sido tão claramente afirmadas quanto nesta época, que viu nascer (1829) os *Anais de higiene pública e de medicina legal*.<sup>9</sup> É então que são elaboradas as estratégias que tinham por finalidade sanear os tradicionais locais de apinhamento, casernas e prisões em primeiro lugar.<sup>10</sup> Entretanto, o que cristaliza todos os esforços é a luta contra a maré excrementícia. A região do Bievre, cujo fedor parece culminante em 1821,<sup>11</sup> é parcialmente saneada. A limpeza dos esgotos da Roquette, de Chemin Vert e de Amelot oferece, como vimos, a ocasião para experiências de ventilação, de fumigação e de desinfecção. Planos globais de limpeza de Vincennes e de Clichy acentuam a vontade de se purificar o subúrbio, doravante visto como muito ameaçador.

Os primeiros anos da Monarquia de Julho constituem um marco. A epidemia de cólera-morbo de 1832 obriga a definição de uma estratégia de desinfecção para o reino como um todo; estratégia que inaugurará, como veremos, a desodorização do